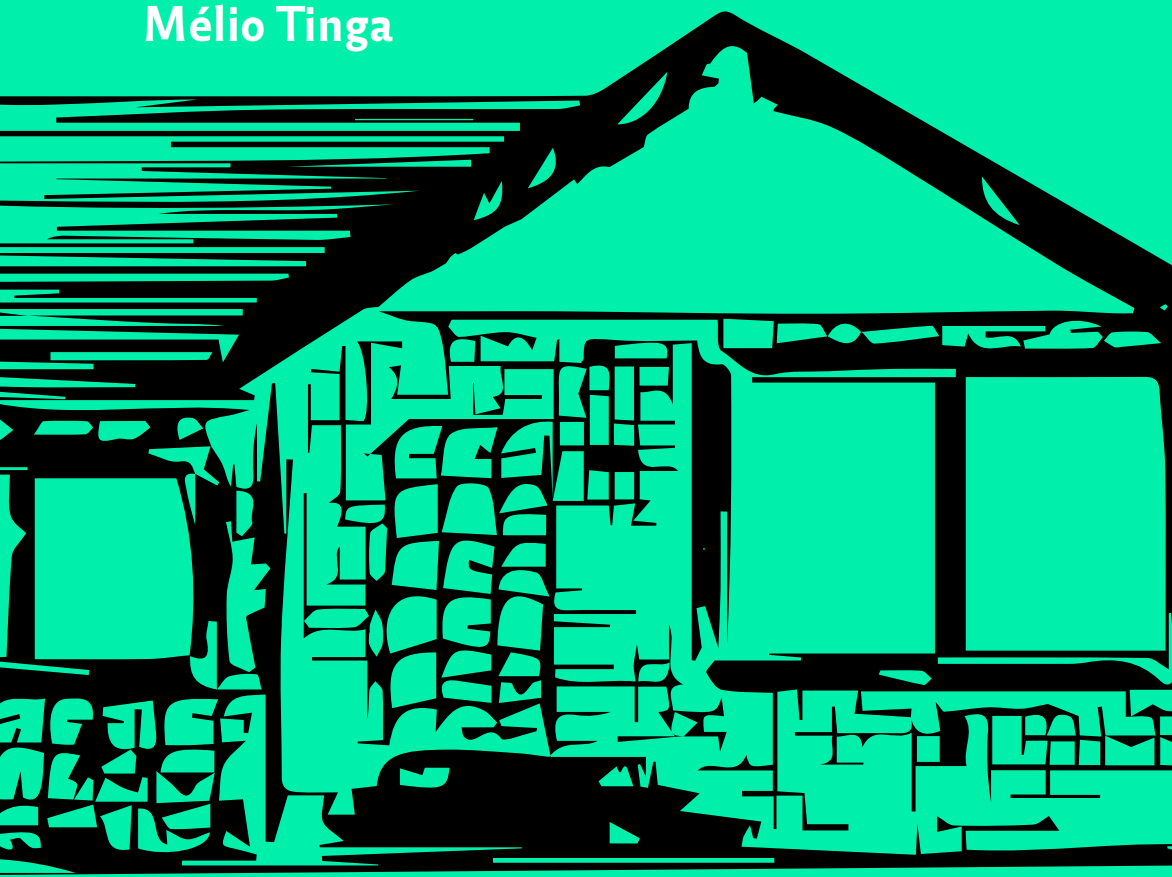


Volume II

Contos e crônicas para ler em casa

Coordenação:
Eduardo Quive
Mélio Tinga





Volume II

Contos
e crónicas
para ler
em casa

Contos e crónicas para ler em casa, Volume II

Armindo Mathe, Baptista Américo, Énia Lipanga, Ganhanguane
Masseve, Herminia Francisco, Izidro Dimande, Jaime Munguambe,
Jessemusse Cacinda, Mauro Brito, Miguel Luís, Miller Matine, Nelson
Lineu, Pretilério Matsinhe, Sadya Bulha, Sandra Tamele, Sara Jona,
Tassiana Tomé e Teresa Taímo

Copyright © 2020, Autores e Literatas
Reservados todos os direitos para esta edição

Coordenação: Eduardo Quive e Mélio Tinga
Design da capa e paginação: BROKEN – Agência Criativa

1ª Edição, Abril de 2020

Revista Literatas
r.literatas@gmail.com
Maputo - Moçambique
www.literatasmz.org

Volume II

Contos e crónicas para ler em casa

Armindo Mathe, Baptista Américo, Énia Lipanga,
Ganhanguane Masseve, Herminia Francisco, Izidro Dimande,
Jaime Munguambe, Jessemusse Cacinda, Mauro Brito, Miguel
Luís, Miller Matine, Nelson Lineu, Pretilério Matsinhe, Sadya
Bulha, Sandra Tamele, Sara Jona, Tassiana Tomé e Teresa Taímo

LITERATAS

Sumário

A leitura é um direito humano	9
<i>Eduardo Quive & Mélio Tinga</i>	
Madala	13
<i>Armando Mathe</i>	
Pinga esperança na noite.....	18
<i>Baptista Américo</i>	
Tu não vais sair de casa com essa roupa! Minha mulher não pode se vestir assim!	24
<i>Énia Lipanga</i>	
“Com a língua, encarcerei uns cardumes barbataneando ante a boca, este órgão que lambe as coisas para lhes (des)conhecer a doçura do mundo”	28
<i>Ganhanguane Masseve</i>	
O silêncio sintilante	33
<i>Herminia Francisco</i>	
A cábula	39
<i>Izidro Dimande</i>	
Dentro da Cabeça, a Orquestra das Rãs	47
<i>Jaime Munguambe</i>	
Um corpo crivado de balas	51
<i>Jessemusse Cacinda</i>	
O anão sobressalente.....	56
<i>Mauro Brito</i>	
Há muitas lágrimas nos olhos de Sua Excelência	63
<i>Miguel Luís</i>	
O que somos nós, então? (excerto)	67
<i>Miller Matine</i>	

O bicho bicha	72
<i>Nelson Lineu</i>	
Estilhaços - Memórias de um combatente	76
<i>Pretilério Matsinhe</i>	
Minuto 76”	82
<i>Sadya Bulha</i>	
Fenestrada	89
<i>Sandra Tamele</i>	
Histórias com sabor a Misericórdia: dar atenção aos antepassados 97	
<i>Sara Jona</i>	
A revolução não será viralizada : Assuntos domésticos e afectivos 102	
<i>Tassiana Tomé</i>	
O Meu “Surge et ambula” em Chibuto	111
<i>Teresa Taímo</i>	
Notas biográficas	120

A leitura é um direito humano

Eduardo Quive & Mélio Tinga

Eis que estamos aqui, novamente, entre páginas, à procura de um alento, na arte, na escrita, na ficção e no imaginário incomum de criadores que não fazem mais do que exorcizar seus demónios sobre a sociedade que precisa dos outros para seus males destapar. Hoje, a arte, aquela que mais está afectada com o distanciamento e o isolamento, para a sobrevivência dos seus criadores, é a solução, num momento em que parece que descobrimos que não passamos de estranhos projectos de um ser invisível, o Homem reduzido à sua ínfima condição de mortal, mas tão grande, dependendo do que pode fazer na terra. E escrever e ler podem ser uma das dessas maiores proezas, já que não implicam matar, roubar, nem humilhar o outro.

Atravessamos um momento incomum. A maior crise do século, provavelmente. O medo se torna mais presente, o sentimento do fim de todas as coisas nos persegue. O lugar para onde fugir é pequeno: uma casa. Junto das pessoas de que amamos, resta-nos uma e única coisa: sonhar. E os sonhos, tal como uma ponte, precisam de matéria-prima. A leitura e escrita são a matéria-prima para os nossos sonhos. Precisamos aprender essa ciência de sonhar, descobrir o verdadeiro vocabulário para erguer sonhos.

Estes três pólos: ler, escrever e sonhar têm uma conexão

umbilical, cuja consolidação e manutenção sejam, talvez, o nosso melhor escudo. Esta é uma das raras vezes em que sonhar, não é apenas um sinal de ingenuidade. E não é uma tarefa só dos escritores desta colectânea.

Hemingway escreveu: «É tremendamente fácil fazermos forte de dia, mas de noite é outra coisa». E mais difícil ainda, quando os nossos movimentos são limitados por essa necessidade de fazermos bem a nós e aos outros. Esta é uma das poucas ocasiões em que ficar longe pode nos salvar. E os livros foram feitos, justamente para enfrentarmos momentos difíceis (também), a ver se dissipamos a solidão, o tédio, o medo e seguramos os sonhos em nossas próprias mãos.

Este projecto «Contos e crónicas para ler em casa», pode não ser a nossa maior invenção ou descoberta e também não é, certamente, um memorial de grandes mulheres e homens benfeitores, tampouco é uma selecção dos melhores escritores, jornalistas e seus melhores textos. É antes é uma forma de sermos solidários uns com os outros. E já que muitas vezes, o trabalho dos escribas é solitário, é uma forma de estarmos juntos, conhecermo-nos, finalmente e partilharmos as nossas lembranças e alucinações com outros alucinados, os leitores, que são parte deste exercício e, por sinal, muito privilegiada.

Para se ter uma ideia, foram mais de mil descarregamentos registados na página da Revista LITERATAS que abraça este projecto. E mais, mais de três mil contactos

espalhados em vários cantos do mundo, em especial onde se fala português, partilharam o primeiro volume deste livro, que reuniu 15 autores e 15 histórias. No total e nas nossas falíveis previsões, cerca de cinco mil pessoas leram os primeiros “Contos e crónicas para ler em casa” e muito será bem conseguida esta iniciativa se, de facto, contribuiu para que esses leitores, tivessem sido salvos da infecção pelo novo coronavírus.

Ao trazermos este segundo volume é para alimentar ainda mais a sede demonstrada por esses mais de cinco leitores no mundo, para continuar a contribuir para a sua saúde mental e física, porque a leitura é um alimento espiritual, sim, nós acreditamos; porque quem lê fortifica o espírito e espírito fortificado endurece o corpo, para as lutas quotidianas, sim, nisso também acreditamos. Então, resta-nos agradecer aos autores que aceitaram fazer parte deste desafio, resta-nos a agradecer a todos que compreenderam que a leitura é um direito humano e como tal temos de exercer, incentivar e promover, por isso partilhamos com os demais.

Boa leitura, em casa, são e salvos!

Maputo, 11 de Abril de 2020

Madala

Armino Mathe (Noma's)

Debaixo de um dos prédios no meu bairro, há uma praceta onde passávamos as tardes, antes a brincar às corridas e aos berlindes, depois sentados no muro, a contemplar o tempo passar, e por vezes a jogar à bola. Era frequente vermos o sol deitar-se e as meninas desfilar com certa imaturidade, seus corpos esculpido na horta verde da existência.

Bem no meio da praceta, vivia um homem de idade experimentada, de cabelos e barba brancos, enrugado no corpo e jovial no espírito, provavelmente sem ninguém que o amasse, ou, ao menos, que o mentisse amar. Era por todos conhecido, por ninguém admirado. Era por todos observado, por ninguém cumprimentado. Numa cidade veloz e sem . Ali vivia desde que me conheci gente. Madala, nome por que carinhosamente lhe chamávamos, aliás identificávamos, carregava as rugas indisfarçáveis no seu rosto.

Naquela tarde era à bola que jogávamos. Deviam ser cinco horas de uma tarde de sol coberto por nuvens carregando intenção de chuva. O clarear despedia-se ao ver homens e mulheres voltarem do trabalho, todos às pressas, correndo como quem se antecipasse ao fim do mundo, contudo, correndo apenas para antecipar a rotina

que o amanhã os guardava.

Madala, conhecido pelas suas trovas sem dimensão temporal, vinha trémulo e lento, contrastando o viril que o caracterizava. Dava um passo, pausava, dava outro e parava, depois um outro passo mas ninguém o notava.

Já discutíamos sobre a invisibilidade da bola quando ele se aproximou do seu esconderijo, praticamente desfeito pela chuva.

- Goolooooo.

- Não vale, já está escuro e não pude ver a bola partir.

E começou a discussão de sempre. Nunca teríamos consenso quanto à hora de largar o jogo não fosse pelo desentendimento da validade do golo.

Madala entrou praceta a dentro e assim que chegou aos seus aposentos não mais pôde manter-se em pé, apoiou-se a uma estaca e, num ápice, tombou.

Ainda discutíamos pela validade do golo quando Ricardo, que ia atrás da bola, gritou para todo mundo ouvir:

- Vovó Madala caiu!

O silêncio possuiu-nos e nos momentos seguintes estava cheio de gente à volta, dentre crianças e idosos, adultos, escravos da vida contudo, carregando seus extractos sociais. Todos murmuravam e adivinhava-lhe as causas mas porque nas grandes cidades há cada vez menos grandes cidadãos, o tempo corria sem que ninguém tomasse a coragem necessária de ajudar o próximo, despido de qualquer ideologia. Todos resmungavam diante da

triste situação e ninguém agia. Depois o teatro abrandou o cenário de euforia e as pessoas entreolharam-se sem nada dizerem. Dentre o silêncio já se podia ouvir o coração pulsar compassado e, a boca balbuciar qualquer coisa que ninguém podia discernir. Mais uns minutos e chegava mais gente.

- Afastem-se dele para que haja circulação de ar.

Era o mano Quito que embora novo em relação aos tantos ali presentes, era o que trazia ousadia maior que os simples expectadores e curiosos que abarrotavam o lugar. Aproximou-se do corpo, examinou o local, ajoelhou-se e avaliou-lhe os sinais vitais. O coração batia e o ar fluía com alguma naturalidade.

- Chamem uma ambulância, por favor!

Um senhor do mesmo prédio que o nosso tirou o seu celular e começou a discar quando foi prontamente interrompido por uma anciã que acabara de chegar.

- Este homem não precisa de ambulância, precisa que se lhe desalgemem o espírito preso na palhota da feiticeira Muloi.

O senhor que fazia a ligação havia parado para ouvir a idosa mas logo continuou com a chamada.

A velha afastou o mano Quito e começou a desamar-rar uns embrulhos que trazia envoltos numa capulana farta de velhice. Tomou no velho Madala e desfez-se em linguagens indescritíveis para a maioria de nós. O velho voltou a balbuciar qualquer coisa, levantou uma das mãos como se ressuscitasse.

De longe ouvia-se uma sirene e, esperançados, os olhos reluziam-nos.

- É o carro da polícia numa escolta qualquer.

- Alguém os pare para que nos socorram.

Debalde. Insistiu-se na ambulância, sem sucesso.

- Chamem um táxi, por favor.

- E quem vai pagá-lo?

- Eu pago o que for preciso.

O velho Madala contorceu-se e balbuciou algo mais audível. Mano Quito que não se distanciara, ouviu a sentença do velho e gritou determinado.

- Tragam-lhe um prato de comida, por favor!

A sirene da ambulância já luzia em nossa direcção na mesma hora que um prato de sopa chegava. O pessoal médico desceu com a maca mas o velho, já sentado e diante da sopa, fez um gesto determinado para que não lhe carregassem. Tomou a colher e esboçou um sorriso, para o nosso alívio. Tomou uma colher cheia, lentamente a esboçou em direcção à boca. Voltou a sorrir e deu uma lambida muito ligeira. Fingiu não a querer mas era de tanta alegria que não conseguia comer. Olhou em volta, uma mão na colher e outra no prato, sorriu-nos e voltou a cair. Desta vez sobre os braços do mano Quito que, atento, vigiava-lhe os movimentos. Nunca vira, entretanto, um desmaio mais bonito, uma cara fora de si porém luzindo felicidade.

O pessoal médico levou-o ao hospital e, nunca mais o vimos.

Pinga esperança na noite

Baptista Américo

Chove, sim. Chove ali no meio da estrada, mas parece que Helena não sente. Chove. Sim, caem gotas soltas do firmamento, mas também do rosto preto feito luto. Engarafa-se ali naquele nada frívolo que lhe rouba as engrenagens dos pés, como perde as mãos dos pensamentos que lhe fariam tactear a lucidez do momento. Ensaiaava algum homicídio? Ninguém saberia dizer, mas parecia uma decisão categórica. Nas costas se aninha Assanito que não pára de chorar. Não fareja pertinência do silêncio, muito menos estima a mazela da terra que lhe pariu. Pura inocência. E Inoque nem consegue falar, porque a fome dominou seus reflexos e domou seus movimentos. Amargurado, ele só olha na mãe como quem julga a fonte de toda a desgraça.

Daquele cimo que não posso estimar a altura e a distância, com o coração acinzentado pelo medo, distou seu olhar uma légua dali para ver um esconderijo por onde possa jazer seus restos ambulantes, mas em surdina de sua própria companhia, dialoga consigo mesma. E deduzo-a como quem lê os pensamentos daquela mulher, balbucian-do:

- Não sei no que penso, se é no coronavírus ou nas matanças de Cabo Delgado, se morro pelo invisível ou pelo desconhecido que me rouba o sossego e mesmo do tempo

de pensar de como dele me esquivo; não sei se me acalmo e espero nossa vez ou me desespero duma só vez; não sei se me renuncio na sorte descartável desta vida ou fecho as mãos e seguro-me neste corpo há muito sem vida; não sei se rosto em lágrima choro pelas vidas dos que já morreram ou a Deus vida imploro por aqueles que certamente morrerão; eu também não sei se vale a pena pensar ou apenas penso no que vale a pena lembrar; não sei se continuo sonhando acordado por nova alvorada ou permaneço acordado para não sonhar;

Olha bem nos olhos do filho que não pára de chorar e continua a lamentação como se o pequeno pudesse lhe perceber: - *já não sei se a sorte seria se tivesse morrido antes de nascer ou se tivesse nascido morto.* E frisa, enquanto segura uma lágrima com a capulana que já não se lembra do “cheiro” da água: - *pena que nunca tive escolha para viver porque a dona Stella foi afogada pelo sonho de ser mãe, inventado pelo pai que nunca a quis assumir e por isso nunca o conheci.*

E nas noites tornadas dias, cisma naquelas ideias abandonadas pelo secretismo e pensa se se aparta de si e vai embora ou se se gruda àquele chão e assiste seu (i)legítimo fim. E, em seguida, se julga: - *Mas que culpa têm meus filhos de merecer o luto da mãe?* É o razoável.

Helena ainda não secou a roupa que o último ciclone molhou há meses; ainda sente o frio do acampamento como se fosse naquele momento; ainda seu coração se re-

veste de preto porque o luto não esfriou. Carrega em suas lembranças restos de Assane que fora brutalmente esquarterado na semana anterior. Triste era ver seus filhos a crescer sem uma referência paterna. Ninguém merece.

- E *agora?* – ligeiramente embevecida, interroga-se, mesmo sabendo que ninguém a ouve. Não tem força para distinguir a revolta do cansaço que insiste grudado nas paredes de sua miserável vida e que o rosto não omite no espelho do seu semblante. Vê gente debandar-se dali, mas ela não sabe quando decepou as pernas que lhe fizeram ali chegar, aliás, como ela diz, a vontade de caminhar para um lugar sem destino. Suas narinas ainda sentem o cheiro de fumaça de sua palhota devorada pelo fogo ateado; não sabe como limpa o sangue que circula nas veias das suas lembranças. Será isto que o destino me reserva?

Ainda o relógio marca vinte e uma horas. É um tempo fértil para o sonho, aliás, para o sono (o que não encarece o bolso) e o clarão do luar candeando inocente que chega a quebrar o sigilo de quem avulta alheio as velas naquela hora.

- *Wimila wambayamani apo bila shinu, um wakati vanu uti vankutilla na vankushilidya ngalau shinguni shako¹?* – grita espantado Manamba, o chefe daquela aldeia. Mas ele não pára de redefinir o seu enfado com a inépcia daquela mulher que mais se parecia mendigar a

¹ Uma expressão em Xi-makonde que, traduzida, fica: *Que faz aí parada, no meio do nada, enquanto todo mundo foge e protege, no mínimo, sua vida?*

morte. Não acha que deveria procurar a sorte de zarpar desta algaravia de destino que o diabo nos moldou e não se deixar sequestrar por esta algazarra que ninguém se importa se anuímos em nossas vidas.

Do outro lado da aldeia a zaragata se intensifica e se mistura com gritos de socorros, outros de agonia. Em tom severo, explode na sua legítima língua: *ikanava mwa wako, ive mwa wa vanavako*². Parece que advinha. Num instante desequilibra-se assustada do chão que involuntariamente a enleia. – *Quer saber o que melhor pode fazer? Simples. Rejeite o ar da graça e pesque o sinal das singraduras do caminho de uma existência que deixaste desfalecer.*

Não consegue mastigar sua voz, mas parece que algum alento cingiu-lhe o coração naquelas derradeiras palavras. Olha nos filhos e destaca-se-lhe seus ventres encovados e trémulos. Deve ser fome – Deduz. Há mais de vinte e quatro horas que seus estômagos estão desactivados. Então, sorve um fio de ar que o vomita logo de seguida para aliviar a eloquência do conformismo que temporariamente lhe estagnou ali.

Com a capulana descorada, que rimava com o desarrumo dos cabelos feitos caracóis, aperta Assanito no colo, segura firme as mãozinhas de Inoque e Adiel que a ladeiam e corre feita louca em direcção às margens pantanosas de Chinyeu, enquanto traduz as vozes que lá no fundo escuta, deduz suas nuances, activa sua intuição e elege apressada

² *Se não for por si, que seja pelos teus filhos.*

o melhor esconderijo, pelo menos, para se entranhar naquela noite. Quem sabe, esta chame outras noites.

E aquele ímpar homem, que acendeu os incensos da razão e desvendou a réstia de esperança naquela mulher roça-lhe exclusivamente o pensamento que se nega a prostituir a honra de sua existência em outra pessoa. Nunca mais o viu, embora sua vontade aventasse um ensejo oportuno. Mas a gratidão que lhe convulsa e inflama seu peito esquerdo mantém-no vivo em algum lugar que sua nobre generosidade o faz merecer.

Tu não vais sair de
casa com essa rou-
pa! Minha mulher
não pode se vestir
assim!

Énia Lipanga

Disse meu marido enquanto eu terminava de me organizar para sair de casa para o trabalho. Minhas manhãs têm sido assim... desperto mais cedo para organizar as coisas do Eleutério enquanto ele ainda dorme, só depois (sempre depois de me atrasar), organizo-me para sair de casa.

Virei o rosto e encarei os olhos dele para me certificar se falava a sério, mas o seu rosto apaixonado tinha se transformado. Estava com rugas na testa, os braços à cintura e quase rachava o chão batendo com o seu pé esquerdo. O tom da sua voz multiplicou-se transformando o nosso quarto numa palestra cujos espectadores eram meus vizinhos mesmo que as paredes nos separassem.

Os meus vizinhos, mesmo que contra a sua vontade, eram os que mais sentiam na pele as minhas lamúrias. Várias vezes, tive de sair à rua ao som de risos e lamentações e cumprimentos não sinceros... sentia sempre que eles perguntavam como eu estava para tirar alguma dúvida, pois houve vezes em que não se percebia se os gemidos eram de prazer ou não.

- Mulher digna não se veste de qualquer maneira, não usa maquiagem e nem cores chamativas... Pretendes chamar a atenção de quem lá fora? Já não basta o verde da

natureza?

Respirei fundo, pois não se contesta o homem da casa.

Engoli as respostas prontas que as tinha na garganta, mastiguei o amargo das palavras que quase escapavam da ponta da minha língua e, mais uma vez, obedeci as ordens do chefe da família e pedi que ele escolhesse as roupas para mim, pois o que segura um lar é a obediência que nós as mulheres devemos ter perante o nosso macho. Afinal ele sempre tem razão, ele é o dono da verdade e das boas escolhas, ele é quem manda e desmanda, foi-lhe atribuído este poder por deus.

Senti que despia a minha alma enquanto tirava do meu corpo aquele vestido verde plissado, tirei igualmente o sutiã e a calcinha e fiquei nua perante meu marido enquanto meus olhos choviam.

- Sim, sim, isto é que é mulher...

Ele suspirou de alívio e sorriu aplaudindo o meu gesto de pura obediência enquanto eu estava imóvel e explodindo por dentro. Transpirei de tanto conter meus nervos e o meu peito se enchia e se esvaziava. Tudo parou naquele momento.

- Então, não me vais vestir? Estou já atrasada (e arrasada)...

Ele não me vestiu! Aproximou-se de mim e me abraçou por trás, afastou minhas pernas, inclinou-me e, mais uma vez, tivemos sexo forçosamente.

- Apressa-te, eu preciso de ir trabalhar...

- Que diferença faz esse teu emprego, eu já te disse que tu não deves trabalhar...

- Mas sempre foi meu sonho trabalhar e lembras-te de que já várias vezes tivemos esta conversa (sangrenta)?!?!...

A conversa decorria ao ritmo do acto sexual de que nada sentia. O meu corpo já estava rendido ao sofrimento de tal forma que já não percebia a dor, o sofrimento nele residia e quem já viveu de dor sabe que o corpo se habitua, mas a alma sangra todos os dias.

- Mulher que é mulher não tem sonhos e deve satisfazer o seu marido, fique quieta, ou queres que eu procure lá fora?

*“Com a língua, encarcerei
uns cardumes barbatanean-
do ante a boca, este órgão
que lambe as coisas para lhes
(des)conhecer a doçura do
mundo”*

Ganhanguane Masseve

_ O mundo está deitado! Os amigos da bata branca caem as caixas dos cérebros à grama se não os acordarmos as cabeças na verticalidade dos céus!

_ O mundo está acordado, homem! Tu que vives ao contrário, invertido, como o morcego de cor preto, lá do alto do cimo, a rir-se da desgraça dos homens que invejam as almas brancas ascenderem os céus. O morcego preto tem alma negra a emergir à terra. Por isso, está sempre invertendo a ordem do voo, focinhando a terra com olhos profundos e desejando o subsolo como o Homem o paraíso.

_ Então, sou o homem-morcego!

_ Deixa-te de morceguices, homem, e conta-me os teus pecados.

_ Sou morcego, lembra-te? E tu, como padre não me servirás de nada!

_ Cala-te e fale-me dos teus crimes. Por que estás no HPI?

_ Porque os sentidos me atraíçooaram: na tenra idade conheci Mantharinha, doce criatura que emanava um fogo da dimensão do inferno em meu peito. O grito de desespero era a cantilena do coração. No jardim da vida, era a libélula colorida libertando desejos libidinais de homens viris no seu voo rasante na atmosfera, de pouso-a-pouso,

para a polinização fecunda da Humanidade. Mantharinha era, também, busto e carne definhada, presa nos parâmetros inexactos da sua estrutura óssea. Os olhos elipsados de ternura e ingenuidade em encerramento momentâneo da órbita, nutriam-me a sensação de um amor infinito a esculpir-me o corpo...mas enganei-me.

_ O que aconteceu?

_ Mantharinha era marido do próprio corpo.

_ O quê?

_ Um homem vestia o espírito, ganhava invisibilidade e copulava-a todas as noites. Um diabo humano que a tinha desflorado a virgindade desde a pré-adolescência. Maldito seja o homem! Se o tivesse conhecido o teria morto e me apropriado do fato. Ah! Alguém que mo vendesse?

_ O quê?

_ O fato-do-espírito. Se o tivesse minha agonia desfaleceria: amaria Mantharinha além da sensação de prazer que sentia quando seus olhos se reflectiam nos meus. E meu coração morria...morria...morria, até que, ao me confessar a um ancião disse: *«tens de a comer ao todo.»*

_ E tu a...comeste?

_ Sim. Mas, na véspera de um acaso reencontro Mantharinha desaparecera. Terá ido ao rio lavar-se o suor ríspido da cópula (in)consentida com o maldito fantasma quando, a corrente de talvegue voraz arrastou-a. O bairro todo não movera o dedo para as buscas rio abaixo. Quem

daria a vida ao rio para salvar a concubina de um espírito? Quem ousaria? Se a superstição matava a esperança. Quem? Um punhado de rapazes enamorados, talvez. Se um olho cego desengana-se com um ouvido saudável. Um punhado de iludidos de amor, como o fui.

Desci o Muluze à margem direita, refastelado de dor e solidão, o bairro distava, o peito ardia de fadiga, o medo rugia, deitava os olhos no vau triste e assombrado de arbustos descaídos: a natureza se configurava invertida no reflexo. Percorri o caudal até um estreitamento misterioso como uma linha grossa de sisal que teimava atravessar a agulha. Ali, a terra comia o rio. Foi onde a vi, numa ribança íngreme, pálida e branca, o corpo preso no arbusto caído, acidentado na erosão fluvial.

_ Estava morta?

_ Aproximei-me. Enterrei os joelhos sobre a área negra debaixo daquela ínfima corrente de água que desfalecia ante seu corpo em uma rotura vertical céu-terra que fendia da superfície ao magma. Apercebi-me que ali estava a gênese e o apocalipse da minha dor. Olhei-a o rostinho lindíssimo, e no grito, encharquei-me em pranto: « Mantharin-haaaaaaa!!! ». A túngica dos seios miúdos em riste, o busto e a carne definhados, a saia perdida na violenta viagem anfílica e a silhueta por entre as pernas em v... Lembrei-me, então, do conselho do ancião: abocanhei-a ao todo, suguei um cardume de tilápia e algas e toda a espécie vegetal que flutuava à superfície do rio. Com a língua,

encarcerei uns cardumes barbataneando ante a boca, este órgão que lambe as coisas para lhes desconhecer a doçura do mundo. Soguei o rio até ao leito, semi-morto, margem a margem, vau a vau.

HPI – Hospital Psiquiátrico de Infulene

In Bifurcação Sensorial do Amor_ O livro dos Sentidos I

O silêncio sintilante

Hermínia Francisco

Há, na vida, daqueles encontros que te marcam logo a primeira hora.

Era esse o caso de Menjurda. Uma mulher a caminhar para a quarta idade. Toda produzida e cheia de ideias que foi convidada a participar de um colóquio.

Só o majestoso espaço e as gentes que acomodava eram dignos de tirar o fôlego. Parecia um verdadeiro paraíso na terra e os convidados tipo tinham sido escolhidos a dedo.

A nação sintilava nequele lugar e fazia respirar, algo assim como, unidade na diversidade.

No meio de tantos cavalheiros, um chamava a atenção de Menjurda. Pelo passo, pelo traje, pelo olhar e pelo trato fácil.

Mutunto, como dizia se chamar era um tipo que não passava despercebido mesmo para os da mesma espécie.

Um olhar aqui, outro olhar ali, numa das pausas do colóquio Mutunto se aproxima de Menjurda e dá o primeiro OI.

Foi rápido e passageiro mas bem marcante, pelo menos na mente dela.

Ao pôr do sol, um convite para uma cavaqueira a beira-mar.

Mutunto- Menjurda, hoje também não vais sair?

A malta tem um encontro marcado a beira-mar.

Menjurda – Gostaria imenso mas prefiro ir assistir música ao vivo no bar, aqui bem próximo, onde a gente janta.

Os caminhos se separaram, cada um dos dois foi fazer o que mais lhe convinha, mas o sentimento ficou encurralado querendo se manifestar.

Era o primeiro dos três dias que aquela malta ficaria junta para falar de questões que afectam a humanidade e a natureza.

Mais um dia nasceu em Siluro. O sol antecipou-se trazendo ao local um colorido paixão que ia se desenhando feito dois corações.

Menjurda não se esqueceu daquele olhar tendencioso de Mutunto quando se encontraram pela primeira vez na hora do lanche, no recinto onde decorria o colóquio.

Mutunto, está desconcertado. Precisa conseguir uma oportunidade para se declarar.

Naquela manhã ninguém deu bolas para ninguém.

Na sessão matinal, Menjurda fez uma apresentação que roubou os aplausos dos presentes. Mas as palmas mais sonantes foram, sem dúvida, de Mutunto, que ainda que de longe, acenava em jeito de aprovação, tudo o que Menjurda dizia.

Ao final do dia, na hora da saída, quando cada um seguia na direcção dos seus aposentos, eis que uma voz

se levanta, para questionar, o que ela iria fazer mais logo.

Menjurda olha para trãs curiosa e vê Mutunto bem próximo.

Mutunto- Nunca saís com a malta, nem ficas aqui na acomodação, por onde andas Menjurda e com quem?

Menjurda – Hummmm. Que pergunta é essa, Mutunto. Estás a controlar-me? Fico no restaurante. Nas noites tocam música ao vivo e servem uma boa sopa. Devias ir apreciar o movimento, tu também.

Mutunto – Quero te convidar para ires a Beira Mar, a malta toda do colóquio tem estado lá.

Menjurda –Não me diga. Fiquei curiosa. Quem sabe amanhã eu vá conhecer esse lugar.

A noite fechou-se por completo. Menjurda seguiu o seu caminho habitual e Mutunto também.

Naquela noite, Menjurda não parou de pensar nas propostas de Mutunto dos últimos dois dias.

Chegou o terceiro e último dia do colóquio. A sessão encerrou cedo para que todo mundo aproveitasse a tarde como lhe conviesse.

Mutunto sumiu em direcção a beira mar e Menjurda de novo foi ao restaurante. Desta vez não ia jantar, não , ia fazer fotos para a posteridade.

A noite fechou o dia e a malta toda do colóquio se via junta na beira mar para uma noitada.

Entre drinks e mais drinks, passos de dança e muita mistura de gostos e gentes, Mutunto só tinha olhos para

Menjurda e isso deixava ela com o coração a palpitar. Não sabia ao certo que sentimento se desenvolvia no seu interior. Paixão, amor ou apenas atração física?

Naquela mesa, onde estava instalada Menjurda, Mutunto era patrão.

Manda vir mais um champaign, oh Garçon – Gritava constantemente Mutunto, sempre que visse a garrafa ao meio .

Josefa, amiga instantânea de Menjurda não desconfiava de nada, aliás por um momento pensou que a causa dos champaign fosse ela.

Passaram-se horas a fio, Ninguém arredava pé da beira mar.

A madrugada chegou e pouco a pouco o lugar foi se esvaziando. Mutunto não podia perder a oportunidade de se declarar. Mas como fazê-lo no meio de estranhos.

Com uma pontada de sorte, eis que chega um tax. Mutunto convida Menjurda para fazer uma corrida com ele, pois a arrecadação aonde se alojaram era bem distante.

Com o seu wisk entre o braço, lá se foram. Bem na entrada dos seus aposentos, convida Menjurda para entrar. Entre uma tentativa de beijos e amassos, Mutunto se esquece que transporta um produto frágil e bum bam, a garrafa se desfez com todo o seu continente e conteúdo no chão.

Chorar, gritar, espernear? Não. Mutunto fez melhor. Agarrou Menjurda pelos braços, agora mais forte e foi se

declarando, demonstrando que era possivelmente o ultimo encontro, mas que o seu coração estava cativo, preso e precisava ser solto e o único cadeado tinha que ser aberto pela chave da Menjurda.

O casal, que ainda estava por se formar, foi se arrastando entre uma declaração e outra aos aposentos de Mutunto.

Na mente de Menjurda, aquilo não podia ser verdade. Há tantos homens querendo usar mulheres para depois descartá-las. Mas lá bem no fundo, uma voz implorava para dizer sim.

O dia começava a raiar. Mutunto tinha que partir. A viagem dele de regresso estava marcada para as 04 horas. Não houve avanços mas ficou latente um sentimento que, sem dúvidas, era amor.

Menjurda partiu também por volta das 10h. A viagem de regresso foi crucificante. Pensava ela, porque deixei ir o homem que provavelmente seria o meu homem?

Foi uma viagem triste, pensativa, desgastante, mas não tinha como, se não encarar a realidade e quem sabe a oportunidade perdida de conhecer melhor o Mutunto.

A cábula

Izidro Dimande

Vou-me casar.

A quem interessa esse amor que sentes, se vais casar, case e seja feliz. Já pensaste como o faras?

Vou-me casar porque sinto uma paixão e amor pelo meu parceiro, apesar do nosso amor estar corrompido pelas leis da família real deste, mas nada vai impedir que o amor fortalecido traga vida e prosperidades no nosso amor. Vamos casar sem festas e adornos. Não vamos sentir as buzinadelas da alegria e os cânticos das velhas da família, muito menos as fofocas das primas em surdina com vontade de arrancarem-me o noivo. Vamos simplesmente casar pela nossa felicidade e amor.

Que deus abençoe a vossa união, assim como tem abençoado a todos que o rodeiam, dando alegria a vida.

Quero que sejas a minha madrinha!

A satisfação foi enorme, houve um brilho que foi interrompido pela lagrima que vinha. Os músculos do sorriso transportaram o longo corredor carregado de sangue e num frenesim houve um abraço fraterno e forte. Um abraço que deu a resposta esperada. Um abraço que deixou as outras em concupiscência.

O dia deixou de trazer a conversa *casamento* e passou a ser de copos de vinhos e acompanhantes secos, por vezes

trocavam-se os canais da televisão para dar mais ânimo a ideia de casamento. Por vezes espreitava-se em programas de noivas para apreciarem-se os vestidos brancos e os traços da felicidade. Quando já não se podia mais, o segredo foi selado entre as duas: ninguém deverá saber disso antes do dia do casamento. Confio em si!

E confiou por longos dias enquanto arranjava formas técnicas orais de anunciar ao padrinho as vicissitudes da relação que vai ditar o fim de uma cultura familiar contraditória aos costumes de amor e constelações.

Ela vai se casar e pediu que fossemos os padrinhos. O que achas?

Acho estranho, parece coisa de novela. Quais são as vantagens dessa forma amorosa de contrair o matrimónio. Este segredo vai durar?

Não sei os detalhes desta forma, sei que o amor deles é mas forte que ultrapassa qualquer barreira. Sei que a família real ficara abalada e poderá haver mortes. Não será, acho, que poderá haver um retrocesso. Confesso meu amor, não sei mais nada, só sei que os dois têm um amor desde a época do secundário, tudo começou no transporte público à escola. Mas detalhes antes de responderes a pergunta: aceitas que sejamos padrinhos deles?

Aceito. Aceito e assumo os meus erros para salvar uma história de amor e sofrimento como esta. Aceito e só tens de me dizer, o que fazem os padrinhos nessas alturas, como vês é nossa primeira vez na vida, desde que nos juntamos

há 3 anos, que recebemos convites para sermos padrinhos. Logo padrinhos de um casamento!

As próximas frases foram caladas por um longo e molhado beijo, sentiram o calor do sexo e o fizeram em celebração ao casamento a quem interessar. Deitados e transpirados, olharam pelo céu de estrelas, pensaram no lugar longínquo que ocupam. Ficaram parálicos deitados de costas na esteira num silêncio e na brisa da noite. A varanda de sua casa tornou-se o primeiro espaço a saber do segredo.

Se as estrelas estão lá distantes e carregam várias informações nossas daqui da terra, podemos conseguir realizar qualquer loucura amorosa?

Sim. As estrelas são o exemplo real que no amor além do sexo, beijos, brigas, filhos e outras formas, existe a vontade de o preservar e torna-lo ainda mais intenso. É no amor onde tudo é possível, até a morte ditar o fim.

Vou já ligar ao pasteleiro para fazer um bom e agradável bolo para a ocasião e temos de preparar a nossa roupa, vamos as compras amanhã. Mas cedo é melhor, para esta experiência de vida amorosa.

Ao pasteleiro peça um bolo, não dê detalhes da cerimônia!

Claro é nosso segredo selado.

O sol já havia anunciado sua existência há mais de 5 horas quando acordaram, nus, como dormiram. Pensaram no dia do casamento enquanto se lavavam. Pelas ruas

da cidade, apreciavam roupas de ocasião e trocaram, já sentados numa pastelaria impressões com conhecidos que já haviam passado a experiência de ser pardininhos. Todas as informações foram úteis e tornaram a nova experiência em algo agradável no dia do casamento. O carro seria conduzido pelo sobrinho para dar amostra de oficialização do casamento.

Cheguei a pensar que não será possível, se o pai deste descobre, não será o fim?

Deixemos de pensar na família real dele, vamos nos focar em nossa actividade. Tenho em mente que estas perguntas o noivo já as tenhas planificado e com as respostas inesperadas.

Conheci o noivo no dia do casamento, já o havia visto antes em um evento, coisa de curta duração que não ficou na minha memória. Mas ao me cruzar com ele no palácio de registo do casamento, foi como uma imagem de irmandade. Como se nossa amizade fosse de longo percurso. Desferi um sorriso alegre e convidativo. Lancei-lhe um abraço de satisfação que estraguei o gatinho pendurado ao pescoço. A noiva vinha acompanhada. Não se viu naquelas entradas triunfas as pétalas a sujarem o chão e crianças chorando querendo carregar os anéis que se escondiam no meu bolso ante à espera da juíza os pedir. Sentamos enquanto a sala recebia os últimos toques. Uma voz meiga, uma mulher com o uniforme a medida carregava um bloco nos braços, apertava-o com medo de deixa-lo cair, soletrou nossa

presença diante a juíza. Tremi o pé esquerdo. Medo. Suor. Paralisia no córtex parecia a coisa a seguir. O motorista-sobrinho que nos acompanhava continuava inerte, sem perceber, talvez esperando que o segredo fosse também revelado a ele.

Sejam bem-vindos a essa cerimónia de matrimónio entre as partes aqui presentes. Lidos os dados de ambos, e não havendo quem aqui nesta sala esteja contra o enlace matrimonial, vamos dar por andamento o evento e peço as alianças que firma e definem a vossa relação. As assinaturas de ambas colocadas neste espaço e dos padrinhos neste espaço. Após esse acto, poderá beijar a noiva. Quero mas uma vez desejar-vos felicidades e prosperidade nesta nova vida e que sejam felizes, espero-vos receber daqui há 20 anos.

Batemos palmas de alegria, eu a madrinha e o motorista-sobrinho. Fizemos poucas fotos em máquinas do passado que foram reveladas em data e hora prevista.

Alegres e sobre o olhar de alegria de transeuntes e funcionários caminhamos para os carros, dirigimos ao restaurante onde jantamos e cortamos o bolo. Conversamos e contamos o segredo ao motorista-sobrinho que jurou silenciar as suas cordas vocais até a necessidade a chamar a testemunhar. Acto dito e feito.

O bolo, feito de farinha especial, estava coberto com uma massa densa, a cor era de casamento, com palavras de felicitações. Não tinha os vários andares como se tem

visto, era único, e enorme, eramos cinco para o devorar, coisa que não aconteceu. As horas foram passando e as panças não podiam receber mais alimentos. Retalhamos o bolo em take away e dividimos. Rimo-nos na altura porque o noivo não podia levar. Vivia com a família real.

Já nos aposentos, recordamos que não tiveram direito a lua-de-mel naquela noite, acto que os padrinhos o fizeram em suas casas, para trazer alento aos noivos, o sexo dos padrinhos sobre o olhar triste dos mosquitos!

Na manhã fresca do segundo dia já casados, meus olhos deparam-se com fatias de bolo na mesa. Acordei a minha noiva para o pequeno-almoço enquanto isso discava aos noivos separados para saber como passaram a noite depois de casados e a dormirem em casas separadas, na companhia dos progenitores.

O noivo ficou atordoado porque teve que remover o anel assim que trespassou o portão de casa ao quarto. Disse-me que ao saudar os pais e irmãos sentados na sala a verem a televisão, deu vontade de gritar de felicidade anunciando que já era casado. Mas pelo estado de saúde da mãe, não o fez. Esperou o momento em que esta devia recuperar. Ao pai, desferiu-lhe um abraço de boa noite. E dormiu com o anel escondido no meio das suas cuecas. Na manhã ligara a noiva que disse: dormi com o anel. Aqui ninguém reparou se ele era verdadeiro ou falso, se era de casamento ou estilo.

Senti uma brisa a esfregar-me a cara, era de alegria

porque as histórias eram diferentes. Ninguém sofria naquele momento.

Várias estações passaram, nossa filha crescia e já estava no quinto ano de escolaridade, quando o celular tocou em nome do noivo.

Padrinho, saudações. Como vai a vida?

Bem, espero que esta chamada seja para anunciar outro casamento.

É sim! Vamos lobolar.

Dentro da Cabeça, a Orquestra das Rãs

Jaime Munguambe

Arde levemente o sol como uma toranja de ouro no céu. Sempre que o sol vem visitar o mundo, expulsa as sombras com a febre das luzes e acompanha a vida dos homens na terra. Agora, Dionísio arrasta o rosto no movimento do ar, para ver a cólera das últimas luzes da toranja de ouro. São rubras e meio agressivas. Castigam os olhos. De repente um sismo nasce no interior da sua cabeça. Tremem-lhe as mãos, tremem-lhe as patas do coração, batem contra o seu peito com muita força. O medo ganha raízes. Vê então a sombra dele a dobrar-se no chão, parece um animal em loucura. Os pensamentos parecem abelhas em conflito numa colmeia. Agora Dionísio está de joelhos, olha o horizonte da rua e descobre o tamanho da distância que percorreu. Grita. Mas o grito não sobe os degraus da garganta. Doem-lhe os pensamentos que são abelhas em conflito.

O final da tarde é um berço que acolhe Dionísio. A dor habita a sua carne, a tontura domina o corpo. Dionísio faz de tudo para não cair, mas a tontura vence os pés. Descontroladamente cai. Estende o corpo no sossego das areias e fica sem movimento. A rua onde caiu é larga. Tem o tamanho da dor que ele teve, dor que ninguém nunca sentiu em vida na terra. Na rua há gente que passa. Dentre

essas pessoas ninguém é encorajado pela sua coragem a aproximar-se do corpo estendido de Dionísio.

Veio a noite.

Pesa a noite sobre o telhado das casas, sobre as costas dos corpos cansados. A escuridão da noite é um lençol preto a cobrir o corpo claro da tarde, na rua do bairro, a água corre nas valetas por onde coaxam as rãs, entre a realidade do escuro e o mistério da vida o coaxar das rãs e uma verdadeira orquestra, na rua do bairro, a noite acende as estrelas, a lua, os candeeiros das ruas, as luzes dos faróis dos automóveis que passam, a noite acende o infinito do sonho.

Dionísio estendeu o corpo ao lado de uma valeta, dentro da cabeça escuta o som do coaxar das rãs, o som entorna-se nos seus ouvidos e ele desenha uma flor de sorriso no jardim do rosto, dentro da sua cabeça correm passados, pensamentos como a água da valeta, o sorriso no jardim do rosto morre e o mundo amanhece, cheira o amanhecer, a rua quase vazia, os muros e o chão testemunham tudo, de repente um homem caminha em direcção a Dionísio, fere o chão com a sola dos seus sapatos, castiga a vida sossegada das areias, lança o olhar no silêncio do corpo de Dionísio e avalia o rosto enterrado sobre o sossego das areias.

Aproxima a mão para desenterrar o rosto. Reconhece-o imediatamente e fica espantado com o que acontecera. As areias no rosto de Dionísio desenharam uma máscara. Faz tempo que não o via. Encontrá-lo naquela situação é

preocupante. Uma voz no seu interior julga que mesmo se não tivesse desenterrado o rosto na terra podia reconhecê-lo. Dionísio é calvo e a vida deu-lhe o azar de herdar um par de sapatos. O homem compulsivamente avalia a rua e vê que ninguém passa, pega o Dionísio pelos ombros e sacude-o a carne e os ossos. Põe a mão sobre o peito para saber se o coração vive. Alegrou-se quando descobriu que o seu amigo tinha gotas de vida. Está mais vivo do que qualquer homem no mundo. Dionísio tira da boca um barulho, é uma tosse preguiçosa. Dionísio sente como se os seus olhos fossem de vidro com cacimba ou um tecido cinzento contra o olhar. Vê o rosto deformado do homem que o segura as costas. Aos poucos o rosto ganha visibilidade. Sente o peso das ramelas e pergunta:

- o que aconteceu comigo, como você veio parar aqui, eu só me lembro da orquestra das rãs...

- estavas aqui no chão abandonado, vi a tua careca e os teus sapatos e logo te reconheci... como fugiste do hospital?

Um corpo crivado de balas

Jessemusse Cacinda

*Em memória
a Mahamudo Amurane*

O som de disparos inundou Namutequeliua e o susto tomou de conta de todos. Massica abraçou os dois filhos. Mãe o que se passa?, perguntaram as crianças. A sua boca tremia, a garganta seca não lhe deixou mugir e um oceano de pensamentos perturbou-a, ao segurar as lágrimas que lhe inundavam os olhos.

De facto, apetecia-lhe chorar, largar como pássaro em direcção ao seu ninho aquele caudal de emoções, talvez isso suturasse aquela ferida que se abriu. Sofria como um equilibrista ao tentar reter aquelas lágrimas que pareciam coágulos.

A verdade é que Massica não era dada ao choro, dizia ter secado a fonte desse rio quando o marido, antigo vendedor de perfumes, fora morto num ataque militar a uma coluna de viaturas civis, que seguia de Maputo a Nampula. Naquele dia, Massica chorou tudo o que lhe restava chorar, assim acreditava, afinal não apenas o marido que perdera, mas pai dos filhos e o provedor da família.

O silêncio que se seguiu era ameaçador. Tentava acalmar-se repetindo para si a ideia de que os habituais fofo-

queiros do Namutequeliua haveriam de se pronunciar. Mas fora em vão. Parece que, desta vez, mesmo eles, perderam a fala. Tentara espreitar pela janela, mas não se sentia segura para continuar. Embora houvesse vontade de saber o que se passava.

Que fazer?, interrogou-se pensativa. Já sei, ligo rádio, essa gente da rádio não dorme, fala do que acontece em Namutequeliua com mais certeza do que nós, que aqui vivemos – inflictiu. Numa poltrona improvisada senta-se, ao lado desta encontra-se o rádio da marca xirico, o instrumento das horas de lazer da família e igualmente o principal meio de informação. Depois de verificar se tinha pilhas, ligou-o.

Das ondas hertzianas passava um concerto gravado de Rei Costa, astro do Kwachala¹, então defunto, numa emissão de rádio ao vivo realizada há anos em Carrupeia por Eusébio Carlos e Guilherme José, locutor e técnico de rádio, igualmente defuntos.

Não é possível, lá fora está um silêncio depois de todos os tiros que se ouviram e, para piorar, na rádio escuto vozes e nomes de pessoas que já não estão entre nós. O que estara a acontecer?, questionava-se Massica, enquanto respirava fundo para segurar a sua vontade de chorar. Mesmo

¹ Estilo de música suburbana de Nampula.

com o cheiro de morte indisfarçável, não pode ceder ao choro, pois as crianças não a podiam ver frágil.

Em fracção de minutos a pouca vida nocturna do Namutequeliua perdeu o seu fôlego e o chiar dos pneus das viaturas que geralmente passam pela rua da quarta esquadra já não se faziam ouvir. Tal situação encheu-lhe de angústia e plantou incertezas no espírito de Massica, ao pôr-se a espreitar da outra janela para ver ao menos se as duas vizinhas prostitutas, que geralmente largam o bairro por aquela hora, já se preparavam para o fazer. Parece que não – observou.

O seu filho mais velho conseguia ler o desespero da mãe. Revoltava-se ao vê-la sofrer sozinha. Mas pensava que assim o fazia para os proteger.

Para onde vais? – acode Massica, enquanto o filho abria a porta e se fazia a rua. Massica seguiu-o e lá fora todo o Namutequeliua comentava sobre aquele evento. Falava-se de 4 de Outubro, sem aquilo fizesse ainda muito sentido, até porque, para ela, o Dia da Paz esvaziou-se de sentido quando perdeu o marido no ressurgir de uma guerra absurda. Para ela, paz e guerra são palavras vazias de sentido.

Massica, os filhos e os outros moradores do bairro viram, segundos depois, umas senhoras a tirarem as suas

capulanas para cobrir o corpo de um homem estatelado, sob o lodo de sangue, e crivado de balas, enquanto os membros da polícia faziam um cerco de protecção da cena.

Ao perguntar o que se passava, a resposta não tardou a chegar. Era o Presidente do Município, baleado por desconhecidos. Massica fez uma infinidade de perguntas que resultaram sem respostas. “Um corpo crivado de balas” era o título da primeira página do jornal Diário de Namutequeliua que saiu às ruas logo na manhã do dia seguinte. Amurane se foi mesmo, comentavam os jogadores de muravarava debaixo da árvore frondosa do Cotocuane, enquanto as vendedeiras de papinha e bolinhos se faziam a Padaria Nampula para mais um dia de lavoura.

O anão sobressalente

Mauro Brito

Cada devido fulano e fulana desta pátria, cada um ou qualquer que seja, cada indivíduo, que seja e esteja onde for, tem todo o direito de ser conforme se foi escolhido à nascença e autenticamente indicado no seu documento. As origens, as características físicas e culturais. “ cada cabeça uma sentença ”, não é assim? Não se pode fazer brincadeiras com isso, nem a sonhar. Bem, bem, o caso específico é que este cidadão anão, que ainda vos será apresentado, devido fulano em questão, não teve a sorte de existência nos arquivos legais, dentro daquilo que está plasmado na lei-mãe, a nossa Constituição da República, mediante o cumprimento das directrizes governamentais. Pois é, nem cedo nem tarde mereceu o justo registo, o cuidado e apresentação ao público social, local, como mandam as regras: um nome da terra, uma foto tipo passe 3x4, colorida de preferência, nome, apelido, assento de nascimento, endereço conhecido e com vizinhança, filiação, dependentes, traços físicos, cartão de doente, profissão, número de trabalhador; ou ainda vida e obra como muitas vezes nos habituam os matutinos na sua cronologia e a Tv nos seus rodapés voláteis, para não falar dos famigerados epitáfios que nunca duram mais de uma semana nos cemitérios, sobretudo quando a morte empurra

a porta sem pedir licença.

Mas tirando tudo isto, há uma questão de humanidade e dignidade que não se deve roubar a ninguém, convenhamos!

Mas há outras razões: é necessário garantir a continuidade da espécie como defendeu Sir. C. Darwin, la specie que non se adapte pas, mort; também para que se evite levantar barulhos desnecessários. Vai que os devidos e legítimos familiares se revoltam e reclamam? - este aqui é nosso, é daqui, merece ser respeitado também, é da nossa família, não é nenhum fulano ou sicrano, melhor lhe pôr o nome e todas as insígnias sociais como mandam as leis, hábitos e costumes.

De qualquer modo, se se consegue isso, que tal pelo menos num corte de página fresca de um desses jornais que vendem mais papel que notícia, que se encontra empilhados nas portas dos sectores das esquinas, publicar uma errata, uma emenda em forma de proposta? Quem sabe?

Mas... custa muito assim? O BI são 180MT só, nome da zona e de casa é mahala, registos sociais idem, apesar das infinitas filas, o refresco e a demora. Então? E ter num processo ou numa ficha algo como por exemplo: Firmino Banze, Azarias Jofrimo, Saugene Castelo Trigo, Manuel Sabão, Miqueias Jorge, Absalão Quintal, Matias Segura Nada, Faz Tudo Sabão, qualquer coisa assim. Mas até aí entendemos, exige recursos e despachos que o Estado

desconsegue. Os dinheiros andam escassos, o que há é para financiar apetrechos das casas, dos gabinetes e os seus superiores ocupantes. Mas família do fulano anão, não queria ficar-se pelo nome de casa, que esse é de uso privado, dentro das barreiras do quintal apenas. Cumpra-se! Queriam vê-lo limpo e legal, dentro das linhas.

Haverá quem sobreviva a isso? A um extermínio como este? Ficar sem pelo menos o nome posto para uso estrito da família e dos mais próximos? Pelo menos: Djudju, Zé disto ou daquilo, João das quantas, Essimela das tantas, Malinga dos etecetera, Saíde lata de...entendem?

Quem saberá as razões por detrás disto? Não por ser um anão ou algo assim, talvez por ter outras origens desconhecidas, que carecem de outras audiências. E quem sabe, se calhar pelos seus objectivos; ou por outro lado, por habitar um mundo, muitas vezes mal entendido e não valorizado. O mundo das páginas, subjectivo por assim dizer. O anão continuou assim, coitado, como fulano, aquele baixinho, anão mesmo, sendo conhecido como o tal, o anão do bairro x ou w. O fulano de tal, assado, cozido, sicrano, beltrano. Contra tudo que era esperado e desejado, nem uma coisa nem outra. Nem pó nem pedra.

Quando parecia que tudo estava perdido no plano narrativo, dentro da dimensão do livro onde o anão jazia, num território composto de nada mais que 145 páginas, eis que a coisa começa a mudar de figura. Para os olhos

da leitora, uma surpresa treme. Muito possivelmente o narrador também queria que a estória bem corresse, sem complicações. Por isso, mexeu os seus pauzinhos para que ao menos no mundo real fosse localizado um sósia do fulano.

Para surpresa de alguns, o personagem começou a passear a sua classe por mais páginas. De lá aos poucos começou a ser avistado por alguns curiosos e atentos. Mais fora das páginas que dentro. À primeira eram apenas sombras e silhuetas. Coisa discreta. Repetindo-se pela semana um, a seguinte, terceira, e por aí em diante.

Nas outras semanas que se seguiram, zás, saiu pelo mundo a fora. Pelos contornos das ruas e avenidas. Como se fosse o coelho que fugiu da história.

Foi visto deambular no interior de um tosco jardim, Jardim Nangade, encoberto num uniforme azul céu e carregando ferramentas com imenso cuidado. Os olhos que o viram, eram os mesmos olhos que o leram na véspera. Por isso um susto grande e o espanto. Como pode tal acontecimento? Seria um sonho ou um delírio? porque afinal os seus olhos não estavam a inaugurar aquela figura, já antes o tinha avistado.

-Não pode ser, será ele de verdade? Como pode? A mão mantida na boca, não bastava para conter a sua admiração...Ela não abria a boca apenas, mas falava é para si e quase dava passos abafados. Era preciso calma para

não estragar tudo.

Semanas depois deste mítico encontro, vinha a senhora de tal, no regresso das suas tarefas laborais, passava como habitualmente, pela padaria, para comprar pão para o café do dia seguinte. Desta vez, esperava ela deparar-se com o misterioso anão para confirmar as suspeitas e colocar uma chave naquela confusão. Eis que regressou à casa decepcionada. Mas, mas quando fazia a esquina para o portão da casa, sentiu os arbustos do jardim mexerem-se calmamente, e o portão que dá acesso a este abrir-se. Não era apenas a força do vento que o fazia. Eram as mãos do anão, jardineiro mor que mantinha o jardim com primor e dedicação.

-Boa noite senhora, experimentou o anão, em voz curta tal como a sua altura.

-Ora Boa noite, que susto me deu o senhor, eu....não sei se vejo bem. O senhor trabalha aqui? Sempre trabalhou aqui? assustada tal como incrédula, media as palavras certas para sanar o espanto.

-Ahh, sim, trabalho aqui deste mil e novecentos e noventa e oito. Mas não venho todos os dias, como quase ninguém visita o jardim, já não há muito trabalho.

-Ahhhh, okay okay, mas não percebo, estou confusa. Quis perguntar o seu nome e as suas origens mas julgou ser um exagero e estar a invadir a privacidade do jardineiro. “Mas deixa estar. Obrigada pela gentileza e cuide sempre

do jardim, alimenta -nos”.

Não mais falou, despediu-se dele meteu-se pelo portão, guardou o diálogo e as imagens na ansiedade de reencontrar nas páginas do romance que lia. Seguiu falando para si, —Era ele ou o seu sócia, ou até um substituto, não é assim no universo, tudo tem dualidade e complementaridade?

Há muitas lágrimas
nos olhos de Sua
Excelência

Miguel Luís

Fazia já algum tempo que a noite tinha caído sobre a capital do país. É verão; a escuridão que dorme sobre Maputo por estes dias não tem sido demasiado pesada. É uma ninharia se compararmos com a escuridão dos dias de Inverno. Em contrapartida, durante o dia a cidade tem aquecido demais, não há quem não reclame. Tem sido uma espécie de estágio para o inferno. À noite sobram alguns resquícios desse calor que os mais sabidos dizem que se deve aos efeitos das mudanças climáticas. A situação está grave, contudo ainda vamos a tempo de evitar o pior.

Enquanto uma parte da cidade já dormia, Sua Excelência estava acordado. Desde que o ano iniciou, não tem conseguido dormir como deve ser. Nada disto tem que ver com o calor que tem assolado a capital. Mesmo se tivesse, a sua casa tem ar condicionado. Para Sua Excelência, calor só mesmo fora de casa e do seu carro no qual no confortável assento do motorista o seu corpo pesado estava sentado. Um carro preto no meio de uma noite coberta por uma leve escuridão. Enquanto não saía do carro, as suas mãos grossas estavam sobre o volante. O carro estava estacionado algures num dos bairros da periferia da cidade.

Sua Excelência não sabia como tinha chegado ali, mas sabia que estava indeciso se saía ou não do carro.

Escuridão e ansiedade nunca foram bons aliados e Sua Excelência sabia perfeitamente disso. No mandato anterior tinha desempenhado a função de ministro de uma pasta muito importante na máquina governativa do país. Na profissão que ele desempenhara muito antes de ser ministro, controle emocional é uma arma muito poderosa e naquele ofício tinha aprendido aquilo que naquele momento ecoava na sua mente – escuridão e ansiedade nunca foram bons aliados.

Nos primeiros meses do ano todos vivemos ansiosos. É o início de um novo ciclo. Há projectos novos por ganharem corpo. Há alegrias que esperamos que nos cheguem aos olhos. Há frustrações do ano anterior que tememos que nos assombrem no novo ano. Há uma série de coisas que neste momento se transformam em imagens que ultrapassam a imaginação na tua cabeça.

Ninguém merece sofrer uma pesada derrota no início do ano. É como começar um casamento sem consumá-lo. Ninguém merece. Ninguém merece um casamento sem direito às fantasias da noite de núpcias, mesmo que o pote esteja já sem mel. Ninguém merece.

E Sua Excelência também sabia disso tudo. A ansiedade roía-lhe os miolos; se as coisas continuassem como estavam ficaria com a cabeça vazia no meio daquela noite. As nomeações já começaram a sair e nada do meu nome, pensava ele. Se calhar estava a ser precipitado já que naquele ano saía tudo às gotas. Porém, se considerarmos

que já tinham saído três fornadas de nomeações e que o nome dele não constava de nenhuma, ainda por cima a pasta para qual tinha ocupado no mandato anterior neste já tinha outro titular, somos obrigados a dar mão à palmatória e dizer que a ansiedade do homem era fundamentada.

que se foda, vou lá! – disse Sua Excelência enquanto arrastava o seu corpo rechonchudo para fora do carro.

No exterior do carro a rua estava deserta. Se fosse noutra altura talvez veria um par de jovens esquinados nalgum muro a fazerem coisas que podiam fazer no quarto. Mas nem esses aventureiros por ali andavam.

Não levou muito tempo na rua. Passados alguns minutos depois de ter saído do carro, Sua excelência estava a bater a porta de uma casa muito conhecida naquela rua.

Sua Excelência! – disse o homem que o atendeu com um ar surpreso. – o que faz aqui a esta hora?

sabes que já há muitos nomes? – rematou o homem sem responder ao que lhe tinha sido perguntado.

sim. Sei, Sua Excelência.

E o meu nome?

Já amanhã sai, Sua Excelência.

Sua Excelência olhou para o curandeiro e desatou a chorar.

O que somos nós, então? (excerto)

Miller A. Matine

O quarto é um retrato de escuridão. O ar parece cansado. Está quente. Húmido. Gotas de água caem dos nossos rostos nesta noite de segunda-feira.

Um pássaro, que devia estar a dormir, cantarola seus “piu, piu, piu”. Tirando esses “piu, piu, piu”, tudo, até aqui, parece estar calmo. Estou de olhos fechados, mas acordado. Abro a boca, preguiçosamente, aguardando que me dê outro reбуçado, acompanhado do teu beijo adoçado. O que, convenhamos, fazes com tamanha mestria. De seguida, serpenteias a língua sobre o meu peito peludo. Chupas-me o mamilo esquerdo; chupas-me a sua parte mais baixa. Sabes que é o meu ponto fraco, pelo que te pergunto como é que, volvidos todos estes anos, ainda não te esqueceste, e respondes-me, serena, mas maliciosamente, que o meu corpo, no fundo, é o teu corpo. Contesto. Dás-me uma bofetada que não dói, mas acaricia e tempera esse amor que não é pouco, mas louco.

— Feliz aniversário, meu amor!

Agradeço-te com um beijo e outro beijo e mais outro beijo.

— Beijamo-nos como se fôssemos duas aves de Chile — brincas.

Reviro-te. Agora és tu quem está por baixo. Continuo

com a missão: beijar-te os lábios carnudos e delicados, beijar-te o pescoço que, por diversas vezes, é alvo da tua troça.

— Xi, amor, eu só engordo no pescoço.

Sorriso de modo leve e beijo-te novamente; mordisco-te os mamilos, fingindo-me teu filhinho, com sede de tomar o teu leite.

— Suca!

— *Quelhu lheti, mamã.*

— Ah! ah! ah! Pare com essas brincadeiras, amor.

— É meu aniversário, pois não? Afinal, acabo de nascer hoje, ou não?

Ignoras-me, o que me deixa meio triste. Consolas-me com o teu sorriso virtuoso, mas sinuoso; dizes-me que sou carinhoso. Pousas a mão em cada uma das minhas bochechas. Ainda estamos no colchão, exposto no chão, por falta de uma cama decente.

— A sério. És muito carinhoso. Não minto.

— Não sejas mentirosa.

— Por que seria?

— Sei lá. Para talvez poderes me ver contente.

Amarras as rugas. Empurras-me para longe do teu peito. Puxas uma almofada, a qual colocas entre as tuas costas e a parede. Entendo que te aborreci com a minha ingratidão. Peço-te perdão:

— Está bem. Aceito que seja um carinhoso. Mas o facto é que sinto que sempre te presenteei de...

— Chiu!

Calas-me a boca. Dizes que é dia, não para discutir, mas para comemorar o meu aniversário.

— Anda. Me beija o mamilo!

E obedeço, como uma criança, à ordem que se solta dos teus lábios.

Obedeci, como uma criança, àquela ordem que se soltou dos teus lábios, até que num piscar de olhos descobri que o meu corpo não estava mais coberto. Não contarei aqui o modo como as tuas ágeis mãos arrancaram de mim os trapos que escondiam a minha vergonha para, de seguida, obviamente, fazer-me esquecer daquela minha cegonha!

— Posso?

— Já me perguntas? Tu, que há minutos eras a dona do meu corpo?

Sorris e, como um camaleão, atiras a língua para pegar tua presa. A qual, no lugar de morrer, se aviva no calor da tua boca.

— Caramba! Que vem a ser isto? Que significado terá isto!? Ah, sentimentos oníricos!

Pulo da cama, aliás, do colchão, sem, no entanto, compreender o porquê desse impulso. Puxo pela memória, meio zozzo, para chamar pensamentos mais sinceros, mais activos e mais autênticos. Volvidos três minutos, eis, então, que recupero a consciência de mim: reconheço, finalmente, que sou e continuo sendo o mesmo cavalheiro estúpido, tolo, em vernáculo, *um camundongo de consciên-*

cia hipertrofiada, como diria o velho Dostoiévski; continuo o mesmo infeliz, a que certos humanos elegeram um desprezo de marca maior, e que tu, minha amada, ainda continuas morta.

— Raios partam o maldito sonho! — Aborreço-me, enquanto me pergunto o porquê desse sonho agora, se havia aprendido, à minha maneira, a viver a vida sem a tua existência. Sim. Havia desaprendido a solidude, o choro, a necessidade de morrer por um morto; havia aprendido a amar outras criaturas; havia aprendido novamente a comer...

Contudo, não significava que houvesse te esquecido completamente. Ah, isso não! O facto era que, por saber que não estavas mais viva, a única coisa certa a fazer era... bolas!, era aprender a viver sem ti. Tão simples quanto isso.

O bicho bicha

Nelson Lineu

Desta vez, Acácia era a décima sétima na bicha. Estava a acontecer o contrário das outras bichas, por ela frequentada. Seu semblante não variava: nem fazia cara feia como nas outras vezes, nem despejava palavrões, convivia com aquele calvário como se estivesse na sua casa e não se incomodasse com a presença dos mosquitos.

Para a Acácia por esse Moçambique não havia serviços prestados que abdicassem das bichas, quer ao nível da função pública como a dos privados, transparecia funcionarem como sinal de procura e prosperidade. O que a incomodava, nesse cenário, era o facto de os prestadores dos serviços não darem sinal de melhoria, chegando a dar a entender que o bem-estar dos clientes estivesse em último lugar na bicha dos interesses deles.

Por saber que os idosos e as mulheres grávidas não se fazem as bichas, pela prioridade assim convencionada, Acácia não via a hora de engravidar e ter os seus nove meses de acesso livre, pois para além de pagar os produtos tinha que pagar o acesso, ficar na bicha. Vivia maritalmente com Coqueiro, ele outrora queria muito ter filho. Mas ela como que ao ter-se filho jovem, perdesse-se a jovialidade, dizia ainda querer viver a sua juventude; por isso, como nas campanhas de luta contra o Sida, embora

nelas fosse o sexo desafiava o marido, “filho só para mais tarde”. Por causa do crescente número de bichas mudou de ideia, logo, inverteram-se os papéis, era Coqueiro quem era posto contra parede para ela engravidar. Pela demora Acácia passou a chamar-lhe de incompetente.

Pedi ao esposo que fossem ao curandeiro, para terem uma fórmula mágica para ela engravidar, por a natural estar a falhar. Ambos eram religiosos ferrenhos, por isso Coqueiro alegou não ser capaz de procurá-lo, para si era pecado. Se fosse para ter filho com ajuda de forças sobrenaturais, só tinha que ser a de Deus.

Acácia tomou uma atitude, a mesma que lhe fazia estar agora na bicha. Pegou num pano foi cozendo, deixou uma entrada onde introduziu esponjas.

- Estás a fazer uma almofada? - Coqueiro indagou-lhe

- Estou a fazer grávida - Acácia respondeu, sem olhar para ele.

Coqueiro não tinha como discutir, preferia conformar-se com a situação do que desobedecer ao Padre que traz-lhe a mensagem de Deus.

Acácia vestiu a bata que tinha comprado para ocasião, e servia também como pressão para Coqueiro, dirigiu-se para a bicha consoante a sua necessidade, mas teve que andar alguns quilómetros do seu bairro para não merecer desconfiança. Embora dela fosse falsa, ao chegar no estabelecimento percebia o porquê das mulheres grávidas sentirem-se donas do mundo, centros das atenções da vida.

Só faltava tapete vermelho na porta acabada de decifrar o enigma; era como se todas as mãos indicassem o caminho por onde ela devia passar, seus passos faziam-se acompanhar pelo peito levantado; o traseiro não se mantinha indiferente, correspondiam o movimentar dos braços depois de consultar a cintura, esta respondia positivamente, e em sussurro pedia o sorriso para colorir os lábios; no balcão sentia-se como uma rainha, todos disponibilizando-se para a ajudar, inclusive ofertas de boleia, com receio de ser descoberta, negava por recomendação médica.

Assim os dias foram passando, até há algumas horas atrás. Esteve numa bicha em que a situação fazia com que todos se tratassem da mesma maneira, a desordem impunha-se, viu a ambulância levar um idoso quando ela mesma subia o carro da polícia com pulseiras mais pesadas do que as que usava habitualmente. Descobriram a farsa, no meio da confusão e tensão, entre empurro e apuros a almofada, ou seja, a grávida caiu, a polícia estava lá para repor a ordem, inclusive repôs a barriga dela. O que fez com que Acácia ficasse mais uma vez na bicha, desta feita a espera de ser ouvida pela polícia. De vez enquanto jogava a culpa no marido, embora não mostrasse sinal de arrependimento: “Se aquele Coqueiro desse cocos...!”

Estilhaços - Memórias de um combatente

Pretilério Matsinhe

A bota cor de vinho beijou a areia húmida da Delagoa Bay. Eram 09 horas da manhã, 25 de Março de 1899. O Tenente Alexandre de Almeida pisou o chão do ultramar pela primeira vez. Vinha do outro lado do horizonte infinito, onde apenas os pássaros têm o privilégio de chegar.

Mal o navio atracou, tirou os óculos pretos e colocou no bolso esquerdo da balalaica azul. Das calças brancas de linho, balbuciou o seu habitual cigarro, esfregou a boca num acto que juntou com o nariz, para depois ir buscar no bolso de trás um isqueiro para acender a droga. Alguns segundos depois, enchia os pulmões de fumo, enquanto se perdia na infinidade do mar.

E começou a vaguear-se pela memória. Lembrou-se da Antonieta dos Campos Marquês, uma bela dama, filha de um comerciante com propriedades em terras lusas e no ultramar. Tinha privado o mesmo assento com ela durante a viagem. Trajava um vestido cinzento que lhe demarcavam os seios, combinação perfeita com as suas luvas de algodão.

Volvidos 19 dias de viagens de viagem, no alto mar, não aguentou com a agonia, tomou coragem e iniciou uma conversa:

-Viagem longa, madame, comentou o Tenente, com uma

voz fina e comedido, ao reparar que a senhorita Marquês se perdia noutros encantos que a vista além-mar oferecia.

-Sim, sim, senhor...!

-Tenente Alexandre de Almeida, mas, por favor, chame-me de Almeida, se apresentou, enquanto beijava a sua mão. Sabia que os trajes dela denunciavam ser uma mulher da alta sociedade e que a possibilidade de, na eventualidade, cogitar algum romance ainda que momentâneo com a madame Marquês era nula. Mas o Tenente era também um homem aparentemente fino, e que fazia de tudo para mostrar que, apesar de ser um homem habituado a manejar armas, também era dotado de hábitos e costumes portugueses da mais alta sociedade, revelando o seu puro gosto pelas coisas requintadas. Era, de todo o caso, um sonhador com tendências para mentiroso. Vinha de uma família pobre. Seu pai tinha servido no exército por alguns anos, tendo conquistado algumas medalhas de mérito, o que lhe facilitou conhecer os corredores dos centros de treinamento militar, ao ponto de conseguir uma vaga para o seu filho. E, então, voltando-se para ela, assumiu a pose de um burguês:

- Veja, senhorita, me desculpe a ousadia, qual é o seu nome?

- Antonia Marquês, senhor, filha do Conde António de Campos Marquês, o dono das ourivesarias que se encontram ao longo da Avenida Dom Mário Marquês. É normal que nem o senhor, Tenente, saiba quem realmente

foi Mário Marquês. Não acha que seja esquisito que a história dos descobrimentos no ultramar destaque apenas uma figura?, questionou. Meu pai, continuou, é neto de Mário Marquês, um dos que participou nas viagens ao lado do famoso Vasco da Gama, detalhou. A história, senhor Almeida, permita-me a intimidade, já agora, reserva muitas surpresas e tem muitos lugares vazios.

Indagado, ajeitou a barba, engoliu a seco todas as informações, recompôs-se para não perder a postura e continuou a escutar.

- A nobreza, Senhor Almeida, tem seu preço. Tenho 26 anos de idade, acabei de concluir a 9ª classe e me especializei em aritmética. Meu pai, além do império que detém na metrópole, tem muitos negócios no ultramar e eu, sua filha querida, tenho de ir cuidá-los para garantir a prosperidade das próximas gerações. Já se foram os tempos, senhor general, é general, nem?, não, me desculpe, Tenente, que se confiava a gestão dos negócios familiares à terceiros.

O Tenente Alexandre sabia que não tinha chance nenhuma de tomar a senhorita pelos seus braços. Também acabava de lhe confessar que ainda não se tinha permitido os prazeres da vida e que ainda guardava a sua mocidade. Mas, o seu desejo de fazer-se passar por alguém da mesma classe falou mais alto e não perdeu tempo.

- Eu ia perguntar se a senhorita toma alguma coisa. Trago cá, sorriu, enquanto sacudia a garrafeira, um vinho, dos mais antigos. Foi fabricado em 1700, durante o tempo

da colheita das uvas. Portanto, senhorita, é do mais puro e natural possível. Reza a história, se me permite tomar um pouco da sua atenção, que um vinho quanto mais antigo, mais prazeroso se torna. Ao descer goela abaixo, disse lhe garanto, ainda sente-se o cheiro das uvas nele. À propósito, toma vinho?, questionou, sorridente.

O barco continuou navegando alto-mar, enquanto o Tenente contava as suas histórias bizarras, mesquinhas e mentirosas sobre a sua participação em guerras imaginárias e de como se salvou em diversos combates, tudo na edificação da monarquia portuguesa.

Nada mais justo, acreditava, que o império o honrasse com uma condecoração e uma aposentadoria digna de um herói.

Homem de 54 anos, sabia pela experiência própria que as mulheres, mesmo as mais finas, escolhiam os homens com base em dois critérios, a inteligência e a bravura, por se apresentarem capazes de as defendê-las dos bárbaros, mesmo que isso custasse suas vidas. E ser Tenente lhe parecia, naquele instante, vantajoso.

Mal se apercebeu que o cigarro já tinha acabado, despertou ao sentir o odor da queimadura nos dedos. Irritado, voltou-se para si mesmo e reorganizou o pensamento.

Vinha da metrópole a mando do imperador para reforçar as campanhas de pacificação, na colônia. Quando deu por si, a sua bagagem já estava nas suas pernas e o

barco se abastecia para retornar à cidade da prosperidade.

Perdido, sem rumo, conferiu os seus pertences, quando lhe compenetrou pelos tímpanos a voz irritante do coronel Queixote, através de um megafone anunciando:

- Aos recém-chegados da metrópole, a primeira fila é para os oficiais do exército, a segunda é para os tenentes, a terceira é para os comerciantes e a quarta é para os desempregados. Aguardem!

Naquele momento, tinha se dado conta que os tempos de paz tinham acabado e que estava de volta aos combates. Cantarolando, da coleira retirou sua pistola, roçou-a, e, ao jovem que se encontrava à sua frente, gritou:

- Estou de volta nessa merda de estilhaçar vidas.

Minuto 76''

Sadya Bulha

Gritos ecoavam pelo estádio. Cânticos e batucadas da claque que sem intenção silenciavam as instruções do treinador.

De certeza que muitos adeptos estariam roucos ainda na primeira parte.

Feições de todos os géneros, estampadas nas caras dos adeptos ao longo das bancadas, uns mais sérios, outros mais ansiosos, uns mais agressivos e alguns estranhamente calmos.

Todos tínhamos algo em comum, a paixão pela bola. Sentia a vibração na bancada, quase que estremecia o estádio. O meu banco abanava. Alguém segurava nele enquanto cantava o hino oficial da nossa equipa.

Olhava ao redor, aquilo era mesmo contagiante. Queria sentir igual, mas como? Estava eu a roer as unhas e analisava cada pulo dado naquelas bancadas, cada copo de cerveja derrubado ao chão, ouvia uma mistura de gritos vindos dos cantos do estádio.

Fiz uma visão rápida de 360 graus pelo estádio. Talvez estivesse em busca de alguém com emoções iguais à minha. Será que por aí era a única a roer as unhas e ansiosa pela

segunda parte? Ou estaria sem emoções?

A bola no centro do campo sobre a relva molhada.

Na lateral esquerda, o árbitro olha fixamente o seu relógio de pulso, talvez fosse um rolex? Leva o apito a boca e dá o sinal.

Começa a segunda parte.

Dezasseis homens corriam atrás da bola, quatro ainda parados ao longe com a mão na cintura, enquanto dois não tiravam os olhos dela.

Pés com botas quase iguais recebiam a bola. Um, dois, algumas fintas e passe.

A bola chega na grande área, e o jogo é interrompido. O assistente levanta a bandeira.

Protestos dos adeptos do nosso adversário vinham da parte superior das bancadas. Pediam falta.

Que falta... expressei um pouco nervosa!

Levantei-me e critiquei a decisão do árbitro em validar uma falta da equipa adversária. Protestei igual aos homens, afinal entendia de futebol.

Não foi falta nenhuma. Reclamei segura da minha decisão.

Gritei e quase perdia a minha voz igual aos demais. O meu grito de nada valeu, mal passou pela terceira fila do meu bloco. Por aí, muitos gritavam mais agressivamente que eu, o importante era que o nosso protesto tinha que chegar muito antes da decisão final do árbitro.

A ansiedade tomou conta do estádio. Voltei a roer as unhas, mas dessa vez em pé, analisando os movimentos do árbitro.

O número sete da equipa adversária analisava calmamente os seus colegas e a posição dos seus adversários. Quase que sentia a sua respiração ofegante. Rezava para que ele chutasse a bola até as bancadas como lembrança para os seus adeptos.

Remate quase perfeito. Momento tenso para muitos, parecia que eu estava a ver todo aquele remate em “*slow motion*”.

Defesa espetacular do nosso guarda-redes que se jogou completamente.

Segurava a bola na mão esquerda, enquanto tentava fazer a sua voz chegar ao meio-campo, onde via o nosso

goleador de camisola dez.
Rematou, perfeitamente.

A bola chega aos pés do nosso avançado, eu ainda de pé e já quase sem voz, grito intensamente:

Vai, vai, passa.

Uma vez mais o apito. O nosso número 10 foi derrubado na grande área.

Era a nossa vez. O livre era nosso.

Os adeptos pulavam, eu podia sentir o cheiro de poeira no ar. Esqueci por instantes as maneiras e pulei igual aos demais.

É golo, é golo.....

Palavras entoadas pelo estádio todo, segui a onda.

Com o olhar atento a barreira feita pelo nosso adversário, o nosso goleador remate!

Goooooooooooo

O estádio vibrou, o meu coração bateu a mil. Vi que não

fui a única.

Recebi abraços de desconhecidos, mas conhecidos pela mesma paixão pelo futebol.

O árbitro para o jogo e faz sinal de *VAR*. Olhei pelo canto do olho e vi a bandeira levantada.

Assobios e protestos maliciosos vinham das nossas bancadas.

O árbitro analisa o golo a primeira vez e mais uma. Ainda dava para ouvir os protestos que tomavam conta do minuto 76”.

Volta para o centro do campo, faz o sinal do *VAR*

O golo foi invalidado.

Muitos levaram as mãos a cabeça, incrédulos com a decisão.

Fiquei em silêncio, quase pasmada com a decisão de *VAR*, mas por dentro gritava de raiva. Voltei a sentar-me e naquele instante odiei o vídeo árbitro assistente. Pois, tirou de mim e de muitos, aquela emoção que era festejar um golo. Pensava para mim mesma, que esse *VAR* veio para eliminar a paixão, a alegria de ver um golo. Por outro lado, estava calma. O *VAR* também ajudava.

Senti saudades dos tempos em que a emoção era única
sem ter que repensar.

O *VAR* nesse dia destruiu a minha alegria.

Fenestrada

Sandra Tamele

*A quem conhece a perda das balas sem norte que
se encontram em corpos amados.*

Supersticiosa, Ella treme ao ver um bando de pássaros voar em formação “V”. Violência, a primeira palavra que lhe ocorreu. Inocentes, no seu voo as aves pareciam pressagiar um dia fatal. E assim foi, mas vamos começar do princípio.

Hoje, tal como nos outros dias, a vontade de sair da cama é pouca. Ella detesta as manhãs mais do que as tardes ou as noites. Talvez seja por o sol raramente entrar pelas suas, já de si pequenas janelas, por a lugubridade da envolvente ser mais visível nas horas matutinas, ou talvez por a esquerda existir uma selva de betão até perder de vista, só arranha-céus e torres de telefonia que todos os dias se erguem quase que por magia, na cacofonia das obras de construção.

O urbanista que desenhou Cidade Nova, assim se chama o lugar onde mora, pretendia que quando vista no Google Earth estivessem bem visíveis duas calotas que de tão contrárias se complementam na perfeição. À esquerda a parte nova, e rica: um monte de concreto cinza, ruas e avenidas ortogonais com numeração sequenciada, distintamente separada por uma imponente linha imaginária da parte pobre e velha: com uma teia de ruelas e becos com nomes de reis e rainhas do tempo antigo,

casinhas brancas com telhados de terracota. A ideia era fazer Cidade Nova aparecer em guias turísticos de renome internacional, como uma das cidades para se visitar antes de morrer. Tremendo logro.

A parte nova é sombria e, talvez por não chegar aos cinquenta tons de cinza, não alimenta fantasias, nem entre donas de casa pouco ou muito desesperadas que, de tão pouco suburbanas ou demasiado ocupadas com as carreiras de sucesso, idas ao ginásio e spas para aos 40 terem aspecto de 25, sem falar da gestão das longas cabeleiras postiças, sem tempo para literatura. Já a parte antiga, finge alegria, pelo menos nos dias de sol, quando todos os moradores quase que saem para a rua a festejar os calorosos raios.

Cidade Nova está sempre envolta em smog, até parece saída de um instantâneo Pequínês, pensa Ella mas na esperança de não serem esses os fumos que Ching Com Gao usa para confeccionar o pato à moda daquela cidade oriental, iguaria que tanto aprecia. Estas inalações tóxicas estão por detrás de tão reduzida taxa de natalidade, pensa. Acreditem, no bairro não se ouvem crianças, nunca. Há que frisar que escolheu de propósito a flat, neste prédio novo mesmo na fronteira com a parte antiga, para ouvir o menos possível o rebuliço da rua.

Recorda sem querer o incidente de *carjacking*, dois sequestros relâmpago e ter sido vítima de incontáveis

carteiristas. A solução foi simples, decidiu fechar-se na flat, como princesa na sua torre. Graças a Internet pode trabalhar, encomendar comida, fazer compras e até namorar sem sair de casa. A família e amigos apelidaram-na ‘*Tinderella*’ e quase já nem usam o nome do B.I.

Mas mente quando diz que a cidade é inteiramente cinza, há graffitis, aos montes, que ao contrário dos prédios, aparecem da noite para o dia, que lhe dão alguma cor. Ouviu até que uma bifa holandesa oferece passeios guiados pela cidade, para apreciar esta arte urbana. Mas coisa séria, ela até diz ser capaz de distinguir os estilos e identificar os grafiteiros, alguns mesmo com seguidores de culto no Facebook e Twitter.

Mas muito de vez em quando as saudades de contacto humano vencem o espírito heremita e costuma espreitar, à janela, a vida dos outros – do outro.

Seu vizinho, o Senhor Leila, tem uma barraquinha de cachorros quentes lá na baixa – chama-se “Leila”, daí o nome por que é afectuosamente tratado - é que não vê piada nenhum nesta “arte urbana”. Para ele não passa de vandalismo e, quando o seu alvo muro foi vítima, não de um grafiteiro famoso, mas de um marginalzeco de bairro que decidiu acusar uma Maria – talvez a que vive no fundo da rua - de ser a ‘mulher pública’ do bairro. Leila estava furiosíssimo.

E Ella também. O agressor de muros ainda por cima

nem soletrar sabia e acrescentou um ‘n’ elevando para cinco o número de letras da palavra tão misógina. Ella murmura entre dentes: - É triste pensar quão menos ofensivo seria ler “Mário, puto da zona” naquele muro.

Mas para o Sr. Leila, não fazia diferença nenhuma. Ou talvez fizesse, talvez preferisse um motivo tribal preto e verde alerta, ou talvez a expressão de uma posição política a tamanha ordinarice, ainda por cima no seu muro acabadinho de cair.

Ella observa-o a tanto tempo que começa a conhecê-lo. Acredita que naquele dia por pouco não decidiu faltar ao trabalho para devolver o muro as suas pristinas condições, mas a música – será música aquilo que estes rapazes gravam, com mais palavrão do que palavras? – que pelas vibrações nos vidros do seu quinto andar, estava altíssima, vinda do quarto do filho adolescente, logo o fizeram mudar de ideias. Se ficasse certamente acabaria com uma lesão nos tímpanos, ou pior, acabaria ele próprio a cantar aquelas coisas. Não se pode negar que algumas musiquinhas até têm um ritmo contagiante. O Sr. Leila parecia desconfiar que até o rapazola deixara de gostar daquela agressão ao sentido de audição, e às vezes chegava a sair de casa e deixar as colunas e bufas à porta de casa a tocar até altas da madrugada. Como os outros vizinhos aguentavam aquilo o dia todo?

Leila ligou o carro e no reboque e meteu-se na estrada

para o centro. Na rádio, Ella imaginava que ouviria a mesma estação, previam engarrafamentos de 2 km e tempos médios de espera de até 3 horas.

- Bolas! Era só o que faltava neste dia. – Murmura Leila enfadado.

Com aquele tráfego era normal ver carros trocarem de faixa, inverterem marcha, na contramão e a ocasional batida e fuga, sem falar dos improperios e dos dedos médios espetados no ar. Ele pensou em certo momento recordar-se da letra de um rap que convidava ao gesto...Havia dias que motoristas chegavam a vias de facto. Ainda bem que a nova lei impunha restrições ao porte de arma, senão a autoestrada virava um autêntico Faroeste. Com aqueles selvagens. Ele, com ele era diferente, a 9 milímetros servia apenas para protecção.

Alegrou-se no entanto ao olhar para o relógio e ver bater as 9:30, mais alguns segundos e já a podia ver no retrovisor a aproximar-se.

Ella também sabe e não gosta, desvia o olhar.

Na já esperada moto de grande cilindrada, com capacete rosa choc, esta rapariga fazia as alegrias dos motoristas quando acelerava para os ultrapassar. Naquela pose de garupa era um espectáculo vê-la exposta com o movimento da calcinha e das calças, uma para norte e outras para sul. Maravilha! O inventor das calças de cós curto devia ser beatificado. Quem não se continha, baixava o vidro e mandava um piropo ordinário, que ela retorquia

com palavrões e a questionar a virilidade dos atrevidos. Havia até quem não se importasse de continuar a segui-la, mesmo que fosse na direção oposta do seu destino.

Devagar, devagarinho lá chegou Leila as 11:30 ao local onde habitualmente armava a barraca, na pracinha mesmo em frente ao banco central, para encontrar uma carrinha estacionada meio na via, meio por cima do passeio, mas a bloquear todo o “seu espaço”. Era uma dessas carrinhas todas artilhadas, com pneus e jantes quase tão caras, senão mais caras, do que o carro todo.

Como encontrar o responsável e, mais importante, conseguir que tirasse dali a besta? Quase arrancava os cabelos, congeminando o grau de violência do confronto com aquele ‘animal’.

Não foi preciso esperar muito e saiu do banco uma figura que mais parecia o resultado de um cruzamento contra a natureza de Mister T da A-Team, com o seu punk e pesadas correntes de ouro e George Clooney no seu Armani feito à medida. Dadas as dimensões e a ‘elegância’ do tipo, optou por insultá-lo entredentes e lançar olhares mordazes enquanto este manobrava e desaparecia de vista, libertando o ‘seu espaço’.

Com a barraca montada, o aroma dos primeiros cachorros a grelhar, o dia parecia estar a melhorar. Até parecia que o sol hoje iria agracia-los com a sua presença, quando saída de algum portal para Woodstock aparece, do

nada, florinhas nos cabelos, tranças e vestidos às flores, de sandálias, montada numa bicicleta e trazendo atrelada uma banca de refeições naturais e pouco calóricas.

Era só mesmo o que me faltava, concorrência desleal. Isso não!

A rapariga, que para Ella parecia estar sob o efeito das emanções tóxicas da cidade, ou talvez de uma pastilha ilegal, vira-se para Leila e profere, pela leitura de lábios, longas tiradas com palavrões no lugar das vírgulas.

Ella agita-se. As aves grasnam.

Leila saca da arma e, cego de raiva, atira. Ouve-se o disparo. A mulher cai sem vida.

As manchetes do telejornal dessa noite: homem pacato, detido por posse ilegal de arma e, vinte minutos depois, caso bizarro de mulher encontrada morta, atingida mortalmente por bala perdida à janela de um quinto andar.

Assim pressagiaram as aves.

Histórias com sabor
a Misericórdia: dar
atenção aos antepassados

Sara Jona

Naquele lugar, onde parecia que o tempo tinha parado, afinal havia vida?

Estava muito escuro e, quando dei por mim, vagueava pelo quintal da vovó Muangula.

- Sumbi? Não respondeste *karingana!*

Eu continuava deambulando e sem nada dizer. Tudo o que a vovó contara não fazia sentido, até o avô Rungo explicar.

Afinal, aquelas campas todas, dentro do quintal da vovó, eram as outras moradas dos membros da nossa família. Mas quando ela falava em ir lá todos os dias; fazer preces; informar como foi o dia; como poderia ser o dia seguinte, caso os falecidos intercedessem por nós - junto de Nosso Sr. Jesus Cristo...; colocar as comidas de que aqueles familiares gostavam, não parecia fazer sentido!

Acordei de repente, sobressaltada, a conversa com o avô parecia ter sido real...e lá veio, de novo, a vovó com a sua voz:

- Não respondeste *karingana...*

- Avó! Afinal não para eu responder apenas no início da história?

- Não, não, minha neta! No final também debes dizer. Aliás, o fio da memória vai sendo estabelecido pela

intervenção do ouvinte, neste caso tu, ao longo de toda a história! E isso não é interromper, mostra se tens ou não atenção ao que se conta!

- Agora percebo, mas aconteceu uma coisa estranha, vovó!

- O que foi?

- É que quem terminou de contar a história que você me contava é o avô. Mas mais do que isso...ixi!!!! Ele disse-me que faltou algo no início da história...ah, mas disse outras coisas também!

- Então, o que foi?

- Deixa estar! Nem sei como contar, sabe?

- Como não te recordas? Seria de todo importante saber! A informação recebida durante os sonhos é muito importante!

Já não estava a perceber nada! Era muita coisa para mim. Ora a dinâmica do *karingana*, ora os recados do avô, que afinal devia levá-los todos em conta...Era muito complicado para mim, menina da cidade! Logo eu que não acreditava no transcendental. Para mim aquilo, só visto em filmes!

- Sumbi! O *karingana* não é só para te adormecer!... serve para muito mais do que isso! É como o que ouves em sonhos, por isso é importante que me informes o que foi que o avô disse.

- Ele chamava a atenção a duas coisas, sobre uma das quais, disse que fazia parte do meu processo de apreensão

de valores culturais ou coisa que o valha, mas o que me estranha, é que ele disse que isso é feito nos *karinganas*, à noite!...ah, avó, acho que é o que estava a fazer, mas pensei que fosse só para me adormecer!

- Já percebeste que não...mas e o sonho? Tens que mo contar!

- Avó, não insistas, porque é algo que não tem nada a ver com nada! Aquilo é mesmo um sonho e não passa disso!

- Mas disseste que o avô falava contigo, certo?

- Sim! E era apenas um sonho!

- Sumbi! Tens que me dizer que recado recebeste do avô?

- Ok, ele reclamava o facto de eu não ir consigo, todos os dias, dar água ao tio Mbate e o facto de eu ter retirado aquele brinquedo bonito que estava colocado por cima da campa do Nguila! Aquilo era tão bonito para estar numa campa, avó! Foi por isso que retirei de lá! E não vou devolver, até porque trata-se apenas de um sonho...

Dias depois, voltei a sonhar com os mesmos recados. Desta feita o avô já ralhava e interrompia insistentemente o meu sono. E isso foi se repetindo ao longo dos dias nos quais as férias duravam. Do que me recordo é que, a partir do dia em que comecei a acompanhar a vovó Muangula a varrer o quintal, todas as manhãs, a pôr água nas campas o avô deixou de me aparecer, mas eu continuava a ouvir o choro do Nguila!

- Sumbi, minha neta, tenho reparado que tens te portado como os meninos que cá vivem, desde os últimos *karinganas* que te contei!

- Sim, avó! E sabe de uma coisa? Ontem quando fui dormir à casa da tia Khudzi, reparei que as crianças, entre elas e com o apoio da tia, faziam uma outra dinâmica na qual um dizia uma frase e o outro respondia. Mas não eram adivinhas, avó. Era algo muito codificado...

- Sim, são enigmas, mas não te basta o teu conhecimento do Bitonga, para os perceberes! Falta-te mais do que a língua, a vivência e outras coisas... mas conta-me mais...

- Amanhã, durante à visita que fizermos ao avô, quero contar-lhe como têm sido os meus dias, esta coisas dos enigmas que aprendi na casa da tia Khudzi e... vou devolver o brinquedo do Nguila! É que ele tem chorado muito...

**A revolução não será
viralizada : Assuntos
domésticos e afectivos**

Tassiana Tomé

Penso no que escrever. Quero escrever com verdade. Quero escrever algo que tenha relevância para quem lê. Neste momento distópico, de um iminente apocalipse, montanhas glaciares de certezas humanas e civilizacionais se derretem e não sei se consigo. Também tenho dificuldade em criar o tempo necessário. A solidude para escrever é um privilégio, agora que a maternidade me mostra a vida simbiótica, a dependência plena que nos permite a existência. Paro, amamento, e os olhos mais ternurentos me sorriem. Mamíferos somos, homo sapiens nos cremos mesmo ignorantes, e tão desumanos nos tornamos que fomos esquecendo essa verdade elementar: dependemos uns dos outros, por mais autossuficientes que nos façamos. Inter-somos.

Construímos paradigmas civilizacionais narcisistas, separatistas e arrogantes, firmes na nossa superioridade face a todos os outros seres que conosco dividem o planeta. Em tempo record quase um quinto da humanidade sabiamente se recolheu em isolamento perante um organismo de dimensões que nos são invisíveis. Tudo ficou visível. Tudo o que negligenciávamos e insistíamos em tornar transparente se mostrou. Os grandes neoliberais

que defendiam o mínimo intervencionismo estatal, agora reclamam pelo Estado, deixando escapar que a força monetária não é garantia de força imunitária. O problema de saúde pública estende-se muito mais além, na sua dimensão sociológica, económica, geográfica e política, numa escala planetária sem precedentes. Ainda assim, a pandemia já atinge de forma muito diferente os que têm casa e os que estão refugiados, os pobres e os ricos, os homens e as mulheres. Talvez a pandemia maior não seja este vírus, mas o sistema socioeconómico e político extractivista, misógino e belicista que permite a destruição da biodiversidade planetária e decide que a vida de alguns tem mais valor que a de outros.

Em Moçambique não há imunidade à fome e à desigualdade.

Paro. Oiço um choro. Ainda nem dois parágrafos de ideias soltas consegui compor. Corro para a sala. É a primeira vez que sustenta o corpo assim, sentado, sozinho e sem apoio. Explora a sua autonomia, mas sabe que pode cair para o lado e terá o amparo do pai. Emociono-me e não tenho tempo para viver o sentimento. Há pressa de tirar as roupas do estendal, dobrá-las, colocá-las nas gavetas, terminar de varrer o chão, rever aquele e mais outro documento e logo a seguir uma reunião por essas plataformas digitais que nos engolem, e só então poderei

voltar para escrever. Mas ainda não sei o quê.

O meu companheiro desdobra-se fazendo as mais elaboradas refeições, esteriliza os biberons, limpa a bancada da cozinha, reorganiza a geladeira, arruma os brinquedos do nosso filho, enquanto prende o telefone entre a orelha e ombro para falar com os colegas de trabalho. Faz o que tem de fazer. Cumpre o seu dever de pai e de parceiro que se reconhece como meu igual. Brinca mais tempo com o nosso filho para que eu possa fechar-me no quarto, entrar em silêncio e tentar escrever um conto bonito para partilhar.

Se é difícil encontrar este breve tempo, tendo um companheiro que realiza o seu dever de pai, divide comigo as tarefas domésticas, encoraja-me quando desanimo, e inventa comigo um manifesto Pós-Pandemia para mudar o mundo entre uma loiça e outra, como terá sido para minha avó? Como será para tantas e tantas mulheres em relações tão desiguais? Quanto esforço-mártir precisam fazer para simplesmente terem a liberdade de viver os seus talentos e verdades? Quanta abnegação invisível e violência silenciada?

A minha avó, que tinha o sonho de estudar Belas Artes, mas não tinha condições financeiras ou sociais, passou a vida fazendo arte com a rotina doméstica. A comida

que ela fazia era arte, as roupas que costurava, os lençóis bordados, os quadros com jardins pintados eram arte, as flores de gesso e massa de pão que serviam de enfeites decorativos espalhados pela casa eram arte, até à maneira como contava as mesmas histórias para adormecer os netos, eram arte. Uma forma de experimentar nas clausuras que lhe foram impostas, o sabor da liberdade. Acho que arte é isso.

Ela dizia que o Estado devia pagar a todas as mulheres domésticas. Reclamava às escondidas para mim, em tom de brincadeira séria, que era uma injustiça o meu avô receber a reforma e ela não, mesmo tendo passado a vida toda a trabalhar muito mais do que oito horas por dia. Um trabalho não reconhecido, sem estatuto, sem salário, sem valor, que lhe extenuava, e que ela exercia com o maior profissionalismo e afecto, para que o resto da família “pudesse ir ao mundo” e “ser”.

Minha avó, que provavelmente nem se nomearia como feminista nem como especialista em protecção social, estava repleta de ideias progressistas. Penso também nas mulheres trabalhadoras domésticas, nas mamas com as suas banquinhas inventando o alimento diário de famílias numerosas, e na violência doméstica que já está a aumentar em tantas partes do mundo com o confinamento social.

O meu filho pede o meu colo agora. Vou tentar usar o teclado com a baba dele a escorrer para as teclas, e apenas uma mão. Acho que não vai funcionar. Pausa de horas. Regresso ao texto segura de que se há algo valioso que posso partilhar com o meu filho, são as lutas e histórias de vida das suas bisavós e avós, de todas as mulheres do mundo, moçambicanas, indianas, portuguesas, brasileiras que estão na sua origem.

Enquanto penso no que quero ensinar ao meu filho, no conto que quero escrever (ou será crónica?), no chão que ainda há por varrer, meu subconsciente interrompe-me com as palavras de Paulina Chiziane. Surgem claras e em voz grave. Vou à procura do texto dela para citar correctamente e perco mais um pouco de tempo a revirar algumas gavetas e prateleiras, depois ponho-me a arrumar o que ficou pendente enquanto questiono-me se conseguirei escrever algo que seja valioso para qualquer outra pessoa e no prazo pedido. Finalmente encontro o texto de Paulina, não entre os livros, mas na internet, depois de alguns minutos consumidos e mais uma mamada pelo caminho.

”Se a mulher pretende um reconhecimento igual ao do seu parceiro masculino deve trabalhar duas ou três vezes mais(...).“ No fim de uma jornada de 8 horas de trabalho, regresso ao lar, muitas vezes exausta. Cuido da casa, da cozinha e das crianças. Quando todos dormem é que escrevo porque

necessito de tranquilidade e silêncio (..) A escrita trouxe uma série de conflitos na esfera familiar. Raros são os casos de mulheres que seguem a carreira artística e que possuem uma família equilibrada. Esta é a minha situação e a minha luta. Com as mãos afastado pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança, de que num futuro, não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos”.

Nas escritas dela, poderia dizer escritos, mas quero no feminino, Paulina Chiziane mostra que qualquer revolução para um mundo mais justo, não pode acontecer sem atravessar as relações íntimas, sem atravessar as nossas casas e sem transformar as relações desiguais entre homens e mulheres. Está longe e iludido quem debate o sistema económico e luta contra agrotóxicos e corporações extractivistas, mas não sabe cuidar das suas relações íntimas e não sabe aprender outros modos de ser com o mais próximo, desfazendo-se dos privilégios, seja de género, orientação sexual, classe ou raça, para construir casas mais cheias dessa justiça que buscamos fora.

Nossos filhos, pais, maridos, companheiros, amigos terão de perceber que o seu exercício de liberdade e amor próprio não se pode sustentar na supressão e invisibilidade das necessidades do outro, nem no paternalismo, violência

e desrespeito sistêmico às mulheres, convenientemente legitimados pelas tradições culturais patriarcais (como se estas fossem inalteráveis e fixas). É essa lógica doente de uns acima de outros, que é reproduzida em escala macro nas desigualdades econômicas e sociais e na relação antropocêntrica que temos com a Natureza. Para quem tem o privilégio de ficar em casa, talvez este momento possa evidenciar a necessidade dessa micro-revolução a partir do espaço doméstico e das nossas relações afetivas: a necessidade de ternura, cuidado mútuo e cooperação como política para uma coexistência não hostil e não destrutiva, mas resiliente, criativa e nutritiva. É essa política que tem que invadir os parlamentos e transformar modelos democráticos de competição infértil e devastadora.

Uns dizem que o vírus já está a fazer a revolução. É certo que o vírus já nos retirou as certezas sobre o futuro imediato e sobre o que virá ainda mais além. É também facto que expôs todas as fragilidades do nosso modelo ultracapitalista de sociedade e de vida, evidenciou as patologias de líderes de grandes potências mundiais, mas também é certo que não será o vírus que irá sonhar um futuro diferente para nós. Não será o vírus que irá reconstruir novas formas de viver uns com os outros e com a Natureza, nem será o vírus que irá garantir a soberania alimentar e a resiliência das nossas comunidades. Somos

nós. São escolhas que fizemos e os novos caminhos que iremos abrir. Sem assumirmos as transformações que nos cabem a todos nós, a revolução não será “viralizada”, de casa em casa! Continuaremos na mesma caminhada suicida, consumindo inconscientemente o planeta e desempenhando as nossas funções quotidianas como se nada tivesse de mudar, tornando o nosso esférico mundo cada vez mais duro, quadrado e inabitável.

Bem escrevi alguns parágrafos e nada de me virem ideias para um conto. Creio que com este novelo de pensamentos que parecem dispersos, quero nu fundo dizer que há uma revolução que tem de acontecer nas nossas casas continuamente, e que há uma liberdade amorosa e rica na interdependência. Aprendo isso como mãe e como companheira, e aprendo isso como ser humano que depende do trabalho e cuidado de outros ser humanos, que só respiram, porque há árvores, há água, e milhentos outros seres minúsculos, inclusive vírus que tecem invisivelmente a fabulosa teia da vida.

O Meu “Surge et ambula” em Chibuto

Teresa Taimo

- Levanta-te e anda! Disse - me a Vanessa olhando na mesma direcção que eu.

- Porque eu me levantaria, se estou de pé e na rua, respondi com arrogância, e soluçando, recolhi-me dentro de mim, tentando disfarçar o meu Choro. Pois naquele momento, eu estava estilhaçada, sentira minhas memórias turvas e a saudade furtada, de tal maneira, que mesmo passeando nas avenidas mais felizes e agitadas da minha mente, não conseguiria matar o instinto da vergonha, que em mim pulsava.

Recordo-me que, antes da Vanessa e eu trocarmos estas palavras, eu estava segurando o braço da Tânia freneticamente e exigindo explicações. Tudo deu-se no entardecer do sábado passado, aquando da minha viagem de lazer a Chibuto, onde ia mostrar para Vanessa, a terra que me viu nascer e crescer. Vanessa vinha lá da Terra dos “6 C’s” Calor, Chicoa, carvão, Cahora Bassa, cabrito e crocodilos (Tete). Sabendo eu destas qualidades inquestionáveis da Terra dos Manhugues, não conseguia conter a ansiedade que tomava conta de mim, por isso eu não parava de falar para a Vanessa, o quão bela e hospitaleira era a minha cidade. Queria levá-la para igreja

Católica Paróquia do sagrado coração de Jesus e para Mesquita, queria levá-la também a montanha chibutso e lhe contar misteriosas histórias, que sobre os grãos de areia, envelhecidos pelo tempo a Montanha esconde. Vanessa sem me emprestar a sua visão, ouvia as maravilhas do Chibuto com os olhos fixados na janela do mini bus apreciando as Acácias Amarelas pintadas de branco até a cintura fazendo-se mãos de uma ornamentação estoteante pela cidade a dentro. Sem chamar atenção, cheguei-me a ela, com uma voz que excita a admiração e disse-lhe:

Sabias Vanessa! Que é lá no topo daquela Montanha onde são feitos os rituais tradicionais, para pedir proteção aos antepassados, assim como chuva, fartura e as demais bênçãos para toda comunidade? A Vanessa, fitou-me o Olhar com admiração como eu pretendia e se fez pronta para falar-mer das maravilhas presentes na cidade de Tete, em comparação histórica, eu a interrompi de imediato, não queria que roubasse-me o protagonismo. afinal de contas, eu é que era a anfitriã. Meio a tanta azáfama gritei paragem para o cobrador, que sorriu e disse:

*Não me faça barulho Taimo, eu sei perfeitamente, que desces na carpintaria.

E entre gargalhadas, descemos na paragem carpintaria, bem descemos eu já me entretia com constantes e curtas

saudações, vénias e sorrisos de saudades para com os meus conhecidos enquanto a Vanessa fazia o desembarque das nossas malas. Eis que ao de longe ,vejo uma jovem de corpo franzino, andar muito familiar bebê no colo, e um cesto de Alface na mão direita era a Tânia, sim, era ela, impossível esquecer aquele andar de mulher decidida , mesmo de costas ocupadas por um anjinho ,a dona daquele andar era a minha amiga de nível médio, que há muito não a via. Aquela dos namoriscos e segredos, àquela com a qual combinei perder a virgindade e aventurar-me para o mundo adulto, aquela que me viu ser.

*Tâniiiiiiiiiiiiiaaa! Gritei, chamando pelo nome dela, até escutar o retrocesso do eco da minha voz, nos edifícios que contam Histórias dos tempos de Salazar .mas para a minha surpresa, mesmo depois de eu ter gritado entre ventos, abanando as árvores, que outrora serviram de Sombras para Ngungunhane, circulando entre ruas e ares que eram e são, corredores de casamentos e cortejos fúnebres. A Tânia continuava a caminhar como se desconhecesse seu nome.

Oh! Coitada, não me ouviu, falei entusiasmada para Vanessa e sai correndo atrás da Tânia. Alcancei-a segundos depois e dei-lhe um abraço nostálgico misturado com uma derradeira chuva de palavras, que não escondiam em nada a minha saudade, seguida por questões e delírios.

*Oi! Por onde andaste? O que tens feito? Meu Deus, como procurei -te. Porque não és usuária do Facebook, terias me facilitado o trabalho! Wauuu! Estás igualzinha há sete anos, a sua beleza está intacta minha louquita.

*Olá! Respondeu a Tânia.

*Aquela resposta, foi para mim um meteóro de frieza, mas como eu estava eufórica e empolgada com o reencontro, continuei a falar desesperadamente, enquanto a Vanessa aguardava uma oportunidade para ser apresentada, acompanhava este quase monólogo.

* Tânia antes de contar-me as novidades, dê-me a sua terminal telefónica, ligar-te-ei no fim do dia, para marcarmos uma noite inteira de fofocas,o que te parece?

*Parece - me ser uma péssima ideia, estou apressada, até mais.

*Até mais? Tânia acabará de tumultuar a minha mente, ela furtou-me não só a saudade, pois ela parecia disposta, a quebrar a espinha dorsal de uma vida inteira, de sorrisos, choros, cumplicidade, de caminhadas para a igreja, mercado, escola e para casa das tias, que posteriormente

mudavamos a rota, para os namoriscos. Estava a ficar com os nervos a flor da pele, aqueles minutos que deveriam ser de ternura acabavam de se transformar em longos e tortuosos minutos de decepção. respirei fundo e esperei que a temperatura da minha angústia diminuísse, e questioneei-a :

*Como assim até mais? Esforcei uma voz serena e procurei saber, se de facto, seria tudo que tinha a dizer, depois de eu ter feito aquela encenação, toda de saudades.

-”Tânia senti tua falta, tínhamos intimidades e afinidades! Porque me trataas como desconhecida? Para sensibiliza-la segurei na mão esquerda dela e olhando-a no fundo dos seus olhos enraivecidos, derrepente ouvi:

-Largue - me, não falo com “Dotoras” , respondeu-me a Tania, sacudindo a minha mão, deixando-me sem nada por entender.

-Mas porque dizes “Dotoras, “ com sarcasmo ou irónia sei lá ? E antes de eu terminar a minha locução ela interrompeu-me com palavras que joravam suor e sangue:

-Sou casada e mãe de três filhos, facebook ? Haaa! À sério? Achas mesmo que eu usaria uma rede que encoberta falsidades, ou será que querias que eu visse as vossas conquistas, as vossas fotos de momentos aparentemente

maravilhosos, e também das vossas viagens pelo mundo fora? Querias que eu clicasê, “gosto” em algo que não gostei e comentar “lindos, “em algo que me parece feio e ridículo. Não sejas parva Teresa.

Com estas palavras, viajei para o sub mundo social, não reconheci aquela Tania, que me falava coisas espinhosas, achei aquela atitude uma afronta ao bom senso, naquele momento, tudo o que eu queria, era a Tânia de volta para mim. Mas a decepção não me sossegava, olhei para ela com dor nos olhos e respondi-a com firmeza.

*Parva estás a ser tu , junto do seu coração amargurado, o facto de não usares Facebook não te dá o direito de ofender os usuários, é uma questão de escolha agora, escurecer seu coração com sentimentos que inspiram frustração e inveja é demais... Neste segundo travei a minha língua, e deixei correr apenas em meus pensamentos palavras que eu bem sabia que a machucariam bastante. Se não, eu teria dito “sua amargurada, quando foi que te perdeste, porque tu não és nenhuma vítima das circunstâncias, pois, tu te colocaste nelas, a vida é sua, e gozas de livre arbítrio, explique-me Tânia porque descarregas em mim, a raiva pelos seus aparentes fracassos. Porque não vês o seu casamento e a sua família como um ganho? Sabias que algumas “Dotoras “ como tu dizes, não tem emprego e nem família? “.

Enquanto a minha mente turbinava para os meus pensamentos frases temperadas com piri-piri ,sal e limão da decepção, a Tânia se afastava com passos largos e firmes. E eu fiquei ali, olhando para ela, sem mover-me, com lágrimas surpreendendo-me o rosto, estava “a me doer male” fiquei anos procurando aquela moça, que acabara de rejeitar-me, anos conservando uma amizade, que só existia nas minhas recordações e na minha ingenuidade.

Naquele instante ,senti uma vontade inexplicável de assassinar o passado, amaldiçoando todos anos de amizade que Tânia acabará de jogar no abismo da inimizade, queria desconhece-la, queria tirar dela os meus consolos e o mais precioso de tudo, eu queria tirar dela, o meu tempo , dei muito do meu tempo a Tânia. Chorei como uma tola e soluzei em segredo pensando numa forma de justificar a atitude da Tânia para a Vanessa. Eis que ela como uma brisa em tempos de calor ,aproximou-se de mim sorrateiramente e com um abraço me envolvendo em consolos ,sussurrou-me: levanta-te e anda.....

Notas biográficas

ARMINDO MATHE (NOMA'S) é escritor moçambicano, membro do Movimento Literário Kuphaluxa. Cultiva a palavra desde a adolescência tendo seus textos publicados em diversas revistas e jornais.

Tem publicadas as obras “(Des)Contos do Tempo” (Contos) e, “Romaria:Três Dimensões do Vento” (Poesia), ambas publicadas sobre a chancela do Prémio Literário TDM 2016, prémio do qual foram distintas vencedoras nas respectivas categorias.

O escritor é formado em Gestão pela UEM e, é Contabilista de profissão.

BAPTISTA AMÉRICO é natural de Lichinga, Niassa. Cedo foi morar em Nampula, onde fez os estudos primários, secundários e superiores. É licenciado em Ensino do Português pela Universidade Pedagógica de Nampula. Foi colaborador do Centro de Língua Portuguesa - Instituto Camões (CLPIC) - Nampula. É docente de Língua Portuguesa na Província da Zambézia, distrito de Alto Molócuè. Participou da Antologia “Reduto dos Poetas”, organizada pela Editora MWG (2019, Brasil).

ÉNIA LIPANGA é rapper, poetisa e activista social moçambicana. É mentora do evento Palavras São Palavras, um evento que une a poesia a outras artes. Faz parte do grupo de RAP Revolução Feminina, que usa a arte para promover os direitos humanos da mulher. Faz parte do Colectivo Uqhagamishelwano, um grupo de artistas e ativistas sociais do mundo que lutam contra hegemonia cultural. Tem um livro publicado “Sonolência e Alguns Rabiscos”.

GANHANGUANE MASSEVE é escritor, psicólogo, docente e activista cultural. É Prémio Literário do Banco de Moçambique com *As Três Mulheres de Malunga* 2012; Prémio Literário *As Línguas em Portugal*, Instituto Camões Pólo da Beira 2013, com *No Reino do Asfalto* ; Menção honrosa no Prémio Literário 10 de Novembro 2015 com *Conto(s) Contigo Maputo!*; Publicou *A Verruga de Martelo* (Kuvaninga Cartão d'arte, 2019). Dentre várias, é colaborador incondicional da Revista __*Literatas*, do Movimento Literário Kuphaluxa, de que é membro, e do programa _*Tribuna Social* da ITV. Actualmente, é membro correspondente da Academia Internacional de Cultura de Taubaté São Paulo, no Brasil.

HERMÍNIA FRANCISCO nasceu em 1978, em Nampula. É mestranda em Jornalismo e Mídias Digitais na Universidade Pedagógica – Maputo e licenciada em Comunicação para o Desenvolvimento - UCM Faculdade de Educação e Comunicação. É Secretária Provincial do Sindicato de Jornalistas de Nampula. Locutora/jornalista da Rádio Moçambique desde 2002. Participou na antologia “Hambúrguer que matou Jorge” (Ethale Publishing, 2017) e “Há mais bicicletas. Há desenvolvimento?”, de Joseph Hanlon. Foi prémio de jornalismo sobre Malária, prémio de Jornalismo sobre Ambiente, prémio qualidade da RM e Prémio Literário TDM.

IZIDRO DIMANDE, é professor de formação. Membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa. Estudante universitário pela Universidade Eduardo Mondlane. Actualmente editor e jornalista no *Icef Jornal Feminino*.

JAIME MUNGUAMBE, poeta, ensaísta, prosador [...] nasceu em Maputo, no dia 27 de Outubro de 1991. Colabora em antologias, revistas, jornais e blogues de publicação literária a nível nacional e internacional. Em 2009 foi agraciado com o Prémio Recital de Poesia do Conselho Municipal da Cidade de Maputo. E, em 2015 Prémio Literário do Banco de Moçambique, categoria de poesia.

JESSEMUSSE CACINDA trabalha como jornalista, editor, pesquisador e gestor de projectos. A sua actividade na literatura está ligada a editora Ethale Publishing na qual é co-fundador e director. A sua produção académica inclui co-autoria dos livros, Moçambique Neoliberal (Ethale/Educare, 2019) e Desafios da Comunicação no sec XXI (UCM, 2018), para além de enúmeros artigos e estudos. É formado em Filosofia e, é Mestre em Sociologia Rural e Gestão de Desenvolvimento.

MAURO BRITO, nasceu nos princípios dos anos noventa, em Nampula, de família meio cabo-verdiana-meio-moçambicana, é o aviador desta nova geração de poetas.

Navegou em ensaios de teatro de rua, dança, Movimento Humanista e outros movimentos de voluntariado. Mais tarde tirou brevet, tornando-se piloto de aeronaves, como se a casa tivesse encontrado o seu inquilino.

Também experimentou outras ciências, mas esse foi o ensejo traído pelo espírito digressivo que empresta aos livros infanto-juvenis que vai escrevendo de quando em vez.

Publicou há dois anos o seu primeiro, Passos de Magia ao Sol, ilustrado por Bárbara Marques e editado pela Escola Portuguesa de Moçambique.

Colaborou com a revista Missanga, Jornal Debate, Revista Blecaute, Jornal Cultura e Revista Literatas, que têm sido o viveiro de onde despontam vários poetas da sua geração.

A sua paixão estende-se ao activismo ambiental e a fotografia.

Aventurou-se neste segundo título: O Luminoso Vão das Palavras, editado e publicado pela Kuvaninga em Moçambique e pela Katarina Kartonera no Brasil, Florianópolis, em 2019. Tem no prelo outras novas propostas, resultados de desafios próprios e outros a convite.

MIGUEL LUÍS (MIGUEL LUIS JOSÉ) nasceu em Maputo, Moçambique. Desde 2012, escreve prosa e poesia. Desde 2015, tem colaborado em publicações com vários jornais e revistas nacionais e internacionais. Actualmente assina uma coluna na página cultural do jornal O País.

Em 2015, foi distinguido com a Menção Honrosa do Prémio Eloquência Camões. Actualmente reside em Lisboa, Portugal.

MILLER A. MATINE é escritor de contos nascido em 1985. Sua escrita é influenciada pelos aspectos sociais, culturais e económicos da sua terra, Nampula. É formado em Ensino de Filosofia pela então Universidade Pedagógica e em Estudos de Educação pela Concordia University de Chicago.

NELSON LINEU nasceu no dia 26 de Janeiro de 1988, na cidade de Quelimane. É Licenciado em Filosofia pela Universidade Eduardo Mondlane. É Professor de Filosofia. Publicou Asas da Água (poesia- 2019- TPC), cada um em Mim (poesia-2014 -Literatas).

É membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa, onde foi Secretário-Geral e Director-Geral da Revista Literatas (Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona). Assinou na coluna Mesma porta, outras chaves e Presença da Ausência no jornal Debate; O outro lado dos dois lados “no jornal “O telégrafo”; O passo certo no caminho errado na “Revista Literatas”. Ainda conta com textos de opinião e crónicas na imprensa moçambicana; publica poemas e contos em revistas e blogues moçambicanos e não só. Produziu Conteúdos e apresentou o programa literário Da Palavra ao Livro na Politécnica Rádio e foi Copywriter na Anima - Estúdio Criativo.

PRETILÉRIO MATSINHE nasceu em 1993, na província de Gaza. Formado em Jornalismo pela Escola Superior de Jornalismo, é também finalista do curso de História pela Universidade Eduardo Mondlane. Co-fundador da Plataforma Mbenga Artes e Reflexões, é também repórter do jornal Domingo, o semanário mais antigo do país. É editor de conteúdos da aplicação Mbenga produtor do programa Unirversos.

SADYA BULHA, pseudónimo de Leocádia Bulha. Nasceu em Chimoio, Moçambique, em 1987. Na infância estudou música, tocou piano e guitarra. Desistiu aos 15 anos.

Dedica-se à prosa.

É activista para causas relacionadas a crianças órfãs. Foi co-fundadora da Associação de Ajuda à Orfãos de Chimoio em 2007. Trabalhou como gestora de Recursos Humanos.

Lançou o seu primeiro livro em 2019 na cidade de chimoio, intitulado “Um pé de amarilis” .

Actualmente se ocupa na gestão de negócios próprios, na sua cidade natal.

SANDRA TAMELE é tradutora literária, editora, arquitecta e urbanista.

Formou-se em 2006 com uma licenciatura em Arquitectura e Urbanismo da FAPF da UEM. Em 2007 estreou-se na tradução literária com a publicação de *Eu não tenho medo*, projecto iniciado em 2004 no curso de leitorado da língua italiana, ano em que também fundou a SM Traduções. Em 2015 lança a primeira edição do Concurso de Tradução Literária. Em 2016 fundou a ATIM - Associação dos Tradutores de Moçambique e em 2018 a Editora Trinta Zero Nove para publicar as traduções dos vencedores do concurso e trazer novas vozes em tradução de e para Moçambique e o mundo. Este concurso mereceu uma menção honrosa no Prémio da Feira do Livro de Londres na categoria Excelência em iniciativas de Tradução Literária.

SARA JONA LAISSE é Doutorada em Literaturas e Culturas em Língua Portuguesa, docente universitária e consultora em avaliação de qualidade de ensino. É autora de livros, de manuais de ensino, de artigos e de crónicas. Escreve no jornal electrónico *7 margens*. Dinamiza dois eventos académicos: as “Tertúlias Itinerantes”, que discutem a “interculturalidade”, há três anos e as “Tertúlias de Sábado”, dedicado ao incentivo ao gosto pela literatura, há 18 anos. Tem sido júri em concursos literários e palestrante em universidades nacionais e estrangeiras.

TASSIANA TOMÉ é socióloga e antropóloga, trabalha na área de educação pública, direitos das raparigas e mulheres, e democracia. É feminista decolonial, interessada em todas as ferramentas de transformação socio-política e económica que contribuam para uma sociedade mais justa e igualitária. Escreve e canta sempre que pode.

TERESA TAIMO de 28 anos de idade, nasceu no distrito de Chibuto na Província de Gaza. Licenciada em Gestão e Estudos Culturais é membro efetivo das FADM ,Sócia fundadora da “Iniciativa Teresa Taimo e amigos”, Activista Social , Pesquisadora Cultural e autora do romance “o Regresso do Descontente”.

Saiba mais sobre COVID-19 [aqui](#).

LITERATAS

WWW.LITERATASMZ.ORG